

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA  
CURSO LICENCIATURA EM DANÇA**

Reinaldo Ribeiro Figueiredo

**FÚRIA VIRTUOSA E O PODER DA PERFORMANCE DE UMA DRAG QUEEN**

Goiânia  
2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA

## **TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

### **1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)**

Nome completo do autor: Reinaldo Ribeiro Figueiredo

Título do trabalho: "Fúria Virtuosa e o poder da performance de uma drag queen"

### **2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [ X ] SIM [ ] NÃO<sup>1</sup>**

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

#### **Casos de embargo:**

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

**Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.**



Documento assinado eletronicamente por **Ana Reis Nascimento, Professora do Magistério Superior**, em 16/12/2024, às 13:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Reinaldo Ribeiro Figueiredo, Discente**, em 18/12/2024, às 15:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **5039002** e o código CRC **5CCB595A**.

---



Reinaldo Ribeiro Figueiredo



**FÚRIA VIRTUOSA E O PODER DA PERFORMANCE DE UMA DRAG QUEEN**



Memorial apresentado à Faculdade de Educação Física e Dança da Universidade Federal de Goiás como requisito parcial para obtenção de diploma de Licenciado em Dança

Orientadora Prof. Dra. Ana Reis Nascimento



Goiânia  
2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Ribeiro Figueiredo , Reinaldo  
Fúria Virtuosa e o poder da performance de uma drag queen  
[manuscrito] / Reinaldo Ribeiro Figueiredo . - 2024.  
LXXX, 80 f.

Orientador: Profa. Dra. Ana Reis Nascimento .  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade  
Federal de Goiás, Faculdade de Educação Física e Dança (FEFD),  
Dança, Goiânia, 2024.

Bibliografia.

Inclui fotografias, lista de figuras.

1. Performance. 2. Arte Drag . 3. Corpo. 4. Dança. I. Reis  
Nascimento , Ana, orient. II. Título.

CDU 793.3



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA

## ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Na data de **13/12/2024**, às **14 horas**, na **sala de Dança 03 da Faculdade de Educação Física e Dança (FEFD)**, iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado "**Fúria Virtuosa e o poder da performance de uma drag queen**", de autoria de **Reinaldo Ribeiro Figueiredo** do curso de **Dança - Licenciatura**, da Faculdade de Educação Física e Dança da Universidade Federal de Goiás (FEFD/UFG). Os trabalhos foram instalados pela **Profa. Dra. Ana Reis Nascimento - orientadora FEFD/UFG** com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: **Prof. Dr. Alexandre Donizete Ferreira - FEFD/UFG** e **Profa. Dra. Alessandra Araújo de Brito (Alex Rosa)**. Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição do estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora considerou o TCC **aprovado**.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Ana Reis Nascimento, Professora do Magistério Superior**, em 16/12/2024, às 13:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Alexandre Donizete Ferreira, Professor do Magistério Superior**, em 18/12/2024, às 12:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Alessandra Araújo De Brito, Usuário Externo**, em 26/12/2024, às 16:39, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **5039001** e o código CRC **D8CDED06**.

## **Agradecimentos**

Agradeço a todos, todas e todes que me ajudaram, até porque não tem lógica agradecer quem não ajudou, não é? Quem me atrapalhou, me fez ter crises de ansiedade e duvidou de mim, eu espero que suma. Obrigado do fundo do meu coração e alma para meus colegas, amigos e professores que a graduação me trouxe, não vou citar nomes porque morro de medo de começar a odiar alguns desses.

Obrigado para minha mãezinha que me deu uma chacoalhada quando eu mais precisava, obrigado meu paizinho que nunca deixou faltar nada em casa, obrigado minha sobrinha por mais chata que seja mas sempre me alegrou, obrigado irmã que ainda me trata como se eu tivesse cinco anos de idade e vive me ajudando.

Você esperava coisas belíssimas aqui? As coisas belíssimas estão ao longo do trabalho, já pode ler.

A terra que eu deixo espera a minha volta  
O vento da queda já não me alcança  
A água ainda chove, mas já não me molha  
Eu estou em chamas.

-Jão

## RESUMO

Três autores se dispõem a debater suas vivências na arte e na busca do autoconhecimento, costurando vida, arte, pesquisas e sua formação acadêmica. Este trabalho tem como principais eixos a performance e a arte drag, mas ao decorrer do trabalho, muito da essência base dos escritores vai se manifestando e dialogando junto com a história. A princípio, as pesquisas carregam o propósito de evolução pessoal e melhoria dos feitos artísticos na vida de cada um. Inicialmente, as pesquisas buscam o crescimento pessoal e o aprimoramento de habilidades artísticas, mas ao longo da escrita revelam as histórias e perspectivas únicas de cada autor. A obra busca não apenas aprofundar o diálogo sobre performance e arte drag, mas também criar uma conexão afetiva com o leitor para que o mesmo tenha uma agradável experiência de leitura, equilibrando reflexões teóricas, performances autorais e inspirações performáticas. Ao final, os autores se entendem como pesquisadores comprometidos em contribuir para os estudos dessas áreas. Reconhecem a importância de continuar os estudos e as discussões sobre performance e arte drag, não apenas como formas de expressão artística, mas também como ferramentas de resistência social e valorização da diversidade. Além disso, manifestam o desejo de continuar explorando o impacto dessas manifestações artísticas na sociedade, reafirmando seu papel na criação de espaços mais inclusivos e criativos.

**Palavras-chave:** performance; arte *drag*; corpo; dança.

## ABSTRACT

Three authors come together to discuss their experiences in art and their pursuit of self-discovery, weaving life, art, research, and academic training. This work focuses primarily on *performance* and *drag art*, but throughout the text, the core essence of the writers unfolds and engages with the narrative. Initially, the research aims at personal growth and enhancing artistic skills in each author's life. As the writing progresses, the authors reveal their unique stories and perspectives. The work seeks not only to deepen the dialogue about *performance* and *drag art*, but also to create an emotional connection with the reader, offering a pleasant reading experience that balances theoretical reflections, authorial performances, and performative inspirations. In the end, the authors see themselves as researchers committed to contributing to these fields of study. They acknowledge the importance of continuing the exploration and discussions about *performance* and *drag art*, not only as forms of artistic expression but also as tools of social resistance and the celebration of diversity. Additionally, they express a desire to further investigate the societal impact of these artistic manifestations, reaffirming their role in fostering more inclusive and creative spaces.

**Keywords:** Performance; drag art; body; dance.

## Lista de Imagens

- Imagem 1: Spotify. Código Spotify - Monstros, Jão. 2024. Fonte: Spotify.
- Imagem 2: Reinaldo Ribeiro (2006). Fonte: Arquivo pessoal.
- Imagem 3: Reinaldo Ribeiro (2006). Fonte: Arquivo pessoal.
- Imagem 4: Reinaldo Ribeiro (2003). Fonte: Arquivo pessoal.
- Imagem 5: Spotify. Código Spotify - *Break free*, Ariana Grande. 2024. Fonte: Spotify.
- Imagem 6: Spotify. Código Spotify - *SOLO*, Jennie. 2024. Fonte: Spotify.
- Imagem 7: Lap Marks (2021). Fonte: Arquivo pessoal.
- Imagem 8: Spotify. Código Spotify - *Yes, and?*, Ariana Grande. 2024. Fonte: Spotify.
- Imagem 9 e 10: Fúria Virtuosa (2024). Fotografias de Laryssa Gomes.
- Imagem 11: Spotify. Código Spotify - *Dollhouse*, Melanie Martinez. 2024. Fonte: Spotify.
- Imagem 12: Spotify. Código Spotify - Colapso Invisível, YMA. 2024. Fonte: Spotify.
- Imagem 13: Meme (2024), Fonte: Desconhecida.
- Imagem 14: Fúria Virtuosa (2024), Fotografia de José Ricardo.
- Imagem 15: Performance “Mulher sobre Torno” (2010), Ana Reis. Fotografia de Ilâne Nunes.
- Imagem 16: Performance “Mulher sobre Torno” (2010), Ana Reis. Fotografia de Marco Nagoa.
- Imagem 17: Performance “Mulher sobre Torno” (2010), Ana Reis. Fotografia de Marco Nagoa.
- Imagem 18: Performance “Trajeto com Beterrabas” (2017), Ana Reis. Fotografia de Zilmarc Paulino.
- Imagem 19: Meme (2017), Fonte: Desconhecida.
- Imagem 20: Filme RACHAS (2020), Ana Reis. Fotografia de Yuji Kodato.
- Imagem 21: Princesa Ricardo Marinelli (2024). Fotografia de Cibelle Gaidus, publicada no Instagram.
- Imagem 22: Performance “Não alimente os animais” (2013), Princesa Ricardo Marinelli. Fotografia de Taciano Brito.
- Imagem 23: Princesa Ricardo Marinelli (2024). Fotografia de Cibelle Gaidus, publicada no Instagram.
- Imagem 24: Princesa Ricardo Marinelli (2024). Fotografia autoral publicada no Instagram.

Imagem 25: Lap Marks (2023). Fonte: Arquivo pessoal.

Imagem 26: Spotify. Código Spotify - *Alive*, Sia. 2024. Fonte: Spotify.

Imagem 27: Performance “Soltar das Amarras” (2022), Lap Marks. Fotografia de José Ricardo.

Imagem 28: Performance “Soltar das Amarras” (2022), Lap Marks. Fotografia de José Ricardo.

Imagem 29: Spotify. Código Spotify - *Happier Than Ever*, Billie Eilish. 2024. Fonte: Spotify.

Imagem 30: Lap Marks (2023). Fotografia de Carlos Gabriel.

Imagem 31: Lap Marks (2023). Fotografia de Carlos Gabriel.

Imagem 32: Spotify. Código Spotify - *Spiegel im Spiegel*, Arvo Pärt, Angèle Dubeau, La Pietà. 2024. Fonte: Spotify.

Imagem 33: Rita von Hunty (2024). Fotografia autoral publicada no Instagram.

Imagem 34: “O que significa, Por que preciso de um, Qual o meu GÊNERO?” (2023), Lap Marks. Fonte: Arquivo pessoal.

Imagem 35: Spotify. Código Spotify - *I Will Survive*, Gloria Gaynor. 2024. Fonte: Spotify.

Imagem 36: Lap Marks (2023). Fotografia de Andreyana Alves.

Imagem 37 e 38: Ariana Grande (2024). Fotografias autorais publicadas no Instagram.

Imagem 39: Olivia Newton-John (1980). Fotografia autoral publicada no Instagram.

Imagem 40: Ariana Grande (2024). Fotografia autoral publicada no Instagram.

Imagem 41 e 42: Fúria Virtuosa (2024). Fotografias de José Ricardo.

Imagem 43: Fúria Virtuosa (2024). Fotografia de Rafael Lima.

Imagem 44: Fúria Virtuosa (2024). Fotografia de Cabaré das Divas.

Imagem 45: Fúria Virtuosa (2024). Fotografia de Cabaré das Divas.

Imagem 46: Fúria Virtuosa (2024). Fotografia de Cabaré das Divas.

Imagem 47: Fúria Virtuosa (2024). Fotografia de Kinho King.

Imagem 48: Spotify. Código Spotify - *Super*, Jão. 2024. Fonte: Spotify.

Imagem 49: Spotify. Código Spotify - *Supernova*, Jão. 2024. Fonte: Spotify.

## Sumário

<b>Ato 1</b> ❤️ - Chá revelação: é artista!	<b>16</b>
<i>Reinaldo Ribeiro está digitando...</i>	<b>19</b>
<i>Lap Marks está digitando...</i>	<b>23</b>
<i>Fúria Virtuosa está digitando...</i>	<b>31</b>
<b>Ato 2</b> 🧡 - Ele cria, performa e tem inseguranças	<b>34</b>
<b>Divos e Divas que inspiram: Porque não só de surtos vive um artista.</b>	<b>42</b>
<b>Ato 3</b> 🧡 - Fúria Virtuosa, uma drag muito famosa	<b>59</b>
<b>Step 1: Personalidade</b>	<b>64</b>
<b>Step 2: Estética Drag</b>	<b>68</b>
<b>Step 3: Nome</b>	<b>70</b>
<b>Meu lugar no mundo</b>	<b>72</b>
<b>Tudo que começa, acaba</b>	<b>76</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>79</b>

## Introdução

Entre perucas, brilhos e roupas desconfortáveis, surgem as *Drag Queens*. Essas figuras se nutrem de arte, performance e muita dedicação. Mas afinal, qual o poder da performance de uma *Drag Queen*? Este trabalho vai contar a história de três personagens que estão focados em entregar um resultado glorioso, vão se empenhar em pesquisas sobre performance, arte *drag* e transformista na intenção de debater a importância de estudar estes temas no curso de Dança da Universidade Federal de Goiás (UFG). Esses personagens são:

Reinaldo Ribeiro, uma eterna criança, respirou arte desde os primeiros segundos da sua vida. Ele é medroso, sensível, fala algumas coisas sem sentido e fora de contexto. Hoje, com sua idade travada por volta dos treze anos, Reinaldo ainda mantém sua energia doce e carinhosa sobre o mundo, ele tenta ver o lado bom das coisas e não enxerga um nó que ele não possa desfazer ou, um caminho em que ele não possa encontrar o fim. Transbordando criatividade e inquietação, ele é aquela criança curiosa e insuportável que muitos adultos preferem deixar de lado brincando sozinho do que dar a devida atenção, mas isso não é problema para nosso cientista. Ele escreve esse trabalho com o coração aberto e sincero, mostrando como a curiosidade e dúvida podem ser a lenha perfeita para uma fogueira artística. Reinaldo é o lado criativo e pesquisador deste trabalho.

Lap Marks, um artista que a qualquer momento pode explodir em forma de arte. Inseguro, perfeccionista, chato, precisa de despertador para se preparar para ouvir o despertador que vai o acordar de manhã. Esse cuidadoso integrante surge após o personagem Reinaldo se instigar sobre sua sexualidade, o ajudando a não ter tanto medo de ser quem é. Vivem juntos por muito tempo, Lap cozinha para Reinaldo enquanto Reinaldo conta histórias para que Lap possa dormir. Criando e recriando um milhão de coisas por segundo, Lap Marks é um cérebro que até mesmo descansando, trabalha, às vezes isso é sua própria fraqueza. Sua parte neste trabalho vai debater sobre performance, encontrando caminhos e autores para acompanhar o processo de entender como ele se interessou por essa área de pesquisa. Em suas pesquisas e desesperos em arte, Lap Marks convida Fúria Virtuosa para atuar ao seu lado.

Fúria Virtuosa é bem nova, atualmente, tem apenas um ano. Mas ela não é criança de colo não, já nasceu brilhando e pronta para evoluir a cada dia que passa. Ela é cuidadosa e ama ensaiar mil vezes suas performances para que esteja tudo no lugar perfeito, dizem que ela dubla até dormindo. Ela está ainda no início de uma grande jornada performática, mas carrega uma grande vontade de aprender a se tornar uma *drag* muito famosa. A fama não é apenas ser super conhecida e todos falarem de você, Fúria quer ser lembrada como alguém que sempre criou do seu jeito, respeitando seus conceitos, suas intenções e seus gostos. Respeitando ela mesma. Fúria Virtuosa vai ajudar a entendermos melhor sobre arte *drag* e como nasce essa figura tão importante, ligando performance com sua arte, ela busca de um jeito potente fazer essa ponte e dar continuidade a esse assunto em um futuro não tão distante.

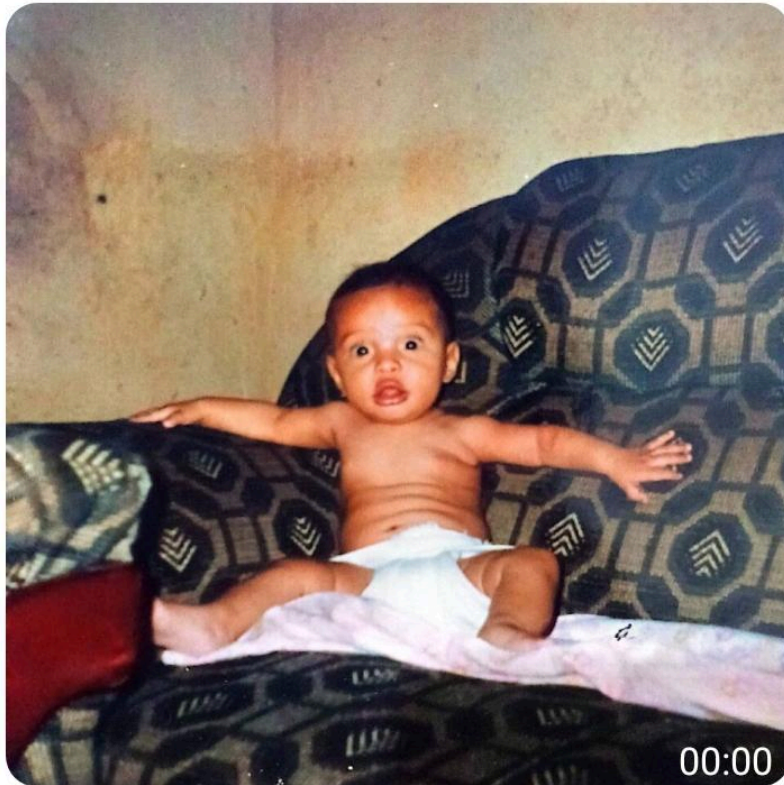
Você vai acompanhar esses três personagens em uma grande conversa em um grupo de *WhatsApp* sobre qual é o lugar dos corpos *drag* no mundo, de forma humanizada e sempre priorizando o conforto da leitura de quem esteja lendo este trabalho. Ao longo do texto, terão elementos como fotos, músicas (essas são bem importantes) e outros escritos para se aproximar mais dos autores pois acreditam que o afeto facilita a introdução em seus pensamentos e a integração nas pesquisas feitas. Alguns trabalhos e nomes da performance e arte no geral foram usados como exemplos, pois assim como queremos por meio deste trabalho valorizar a arte de seus autores, também é importante olhar para quem veio antes e serve hoje de inspiração.

O foco é performance e arte *drag*, são assuntos complexos e que levaríamos anos debatendo, pois sempre surge um gancho para falar de outras coisas. Aqui, gostaríamos de visitar alguns conceitos, significados, vivências e aprendizados. Conhecimentos de autores (no caso, o Reinaldo, Lap e a Fúria) que não possuem lá tantos anos em suas áreas de pesquisa, porém que se dedicaram muito a entender, transformar e trazer de uma maneira que consigam explicar e contribuir para o mundo acadêmico. Concluindo uma licenciatura em Dança, a responsabilidade é grande, mas entende-se que não será o primeiro e nem o último trabalho que esses autores peculiares participarão.

🔒 Conversa não indicada para quem não tem senso de humor, não nos responsabilizamos por más interpretações



**Reinaldo Ribeiro**



Ato 1 ❤️ - Chá revelação: é artista!

00:00

*Aviso: história meramente ilustrativa.*

### Chá revelação

Era uma vez, um casal feliz com a notícia de que teriam seu segundo bebê, decidiram fazer um chá revelação para comemorar a descoberta do sexo deste pequeno anjinho que se desenvolvia na barriga da mãe. Chamaram a família, os amigos, a família dos amigos, os amigos da família. Encheram uma mesa de comida, decoraram tudo com balões e forros de mesa rosa e azul, contrataram uma fada para que fizesse o tão sonhado momento da revelação. Em meio aos murmúrios de curiosidade, a fada entrega aos pais um balão preto, uma agulha fininha e diz: podem estourar o balão, dentro estará o que seu bebê será. Com os olhos cheios de lágrimas a mãe toma coragem e estoura o balão... POW!

Em um grito confuso todos do lugar perguntam: **VERMELHO?**

### Monstros - Jão<sup>1</sup>

É tão claro agora  
 Eu queria poder dizer  
 Pra aquela criança  
 Que ainda não vê  
 É tão claro agora  
 Eu sei que vai doer  
 Mas isso é necessário  
 Pra quem você vai ser



Imagem 1: Spotify. Código Spotify - Monstros, Jão. (2024). Fonte: Spotify.

<sup>1</sup>Recomendação do escritor: Você pode encontrar as músicas que estou usando na escrita pesquisando pelo nome delas ou usando o Spotify. É só abrir o aplicativo, ir em Buscar, usar a ferramenta da Câmera e escanear o código com a imagem acima.

*Narrador está digitando...*

Narrador disse:

Antes da Fúria existir, o Lap existe, antes do Lap existir, o Reinaldo existe.

Oi leitor, eu sou o “Narrador”, pelo visto você quer saber mais sobre **Fúria Virtuosa e o poder da performance de uma Drag Queen**. Vou criar um grupo com três amigos meus, eles vão te explicar melhor sobre toda essa história que parece confusa mas é bem interessante, só um minuto...

Narrador criou o grupo “Surto do TCC”

Narrador adicionou Reinaldo Ribeiro, Fúria Virtuosa e Lap Marks ao grupo

Narrador adicionou Você ao grupo

*Narrador está digitando...*

Narrador disse:

Gente, esse é o leitor, um querido. Ele quer saber mais sobre **Fúria Virtuosa e o poder da performance de uma Drag Queen** e vocês são as melhores pessoas para explicar isso para ele.

*Reinaldo Ribeiro está digitando...*

Reinaldo Ribeiro disse:

Pode deixar que eu começo.

### ***Reinaldo Ribeiro está digitando...***

Reinaldo Ribeiro disse:

Eu comecei sendo apaixonado por televisão, achava super interessante como tudo era bem estruturado e como aquilo satisfazia meu lado perfeccionista, (coloco toda a culpa no signo). Era incrível como conseguiram colocar numa caixa metálica um universo todo que unia sons e imagens estimulantes.

Como eu nunca fui muito popular, meu único companheiro era um Nintendo<sup>2</sup> onde tudo me encantava, as cores, a música, os movimentos dos personagens. Eu adorava imitar tudo o que achava interessante, então minha mãe sofria comigo assumindo uma personalidade diferente a cada instante. Mas a parte ruim é que eu sempre era podado por familiares que não entendiam a brincadeira.

E assim eu, Reinaldo, cresci reprimindo diversas inspirações e diversos gostos. Mas sabia ser feliz sozinho e criando no meu próprio mundo até que minha mãe teve a grande ideia de me colocar para socializar com outras crianças numa escola de artes. Chorei de felicidade e medo. Com 9 anos eu fazia coral, um pouquinho de ginástica, teatro era a grande paixão mas sempre ficava com papéis minúsculos. O curioso disso é que eu sempre tive medo de dançar lá, então as aulas de dança para mim eram proibidas. Mas as aulas de música/canto eram maravilhosas pois eu sentia uma vibração na alma tão boa, sentia que a música era a água gelada da minha boca seca, sentia que eu criava asas a cada melodia.



Imagem 2: Reinaldo Ribeiro (2006). Fonte: Arquivo pessoal.

Cheguei a apresentar e dançar muita coisa na minha infância/pré adolescência, mas era sempre em alguma festa junina (modéstia à parte eu era um garoto disputado nos ensaios porque era o único que dançava animado, os outros

<sup>2</sup> Nintendo é um console de videogame criado pela empresa japonesa Nintendo Co., Ltd.

faziam por obrigação dos pais) ou dia das mães no colégio ou nessa escola de artes que citei aí em cima. Sempre tive um certo apoio da minha mãe, meu pai só queria que eu perdesse a timidez e fosse um garoto comum. Não esqueço por nada o dia em que eu apareci no palco com um surdo (o instrumento) e minha mãe levantou aplaudindo SOZINHA na plateia. Dou um sorrisinho de canto de rosto com ela contando que ficou vermelha de vergonha e logo se sentou.

Eu entendo demais a preocupação dos meus pais comigo, sempre fui muito tímido e isso poderia atrapalhar nas minhas emoções, eles tinham medo de eu ser uma criança triste, muito pelo contrário, criança viada é sempre muito animada. Sempre tentei dar orgulho pros meus pais, mesmo isso custando algumas vontades minhas, mas sendo bem sincero, reconheço hoje que tudo o que fizeram para mim me fez quem sou e eu não me arrependo de nada (fora as vezes em que a timidez me fez fazer xixi na roupa na escola, o dia que chorei em público, o dia que... enfim essas coisas a gente não apaga).

Comentei que fui uma criança viada mas nem

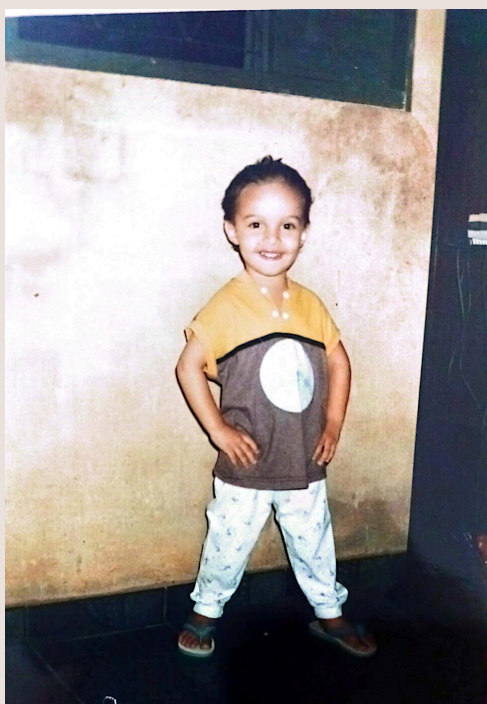


Imagem 3: Reinaldo Ribeiro (2006).  
Fonte: Arquivo pessoal.

citei algo importante: eu não fazia ideia que eu era uma criança viada. Para mim, ser inteligente, espontâneo, falante, animado, gostar de histórias, cantar, dançar, andar nos saltos da mãe (opa, esse daí entrega), ter crush no Rodrigo Faro<sup>3</sup> (ok, eu confesso que esse também entregava), ser o único menino que jogava dama na educação física (daí num sabia que era viado porque não sabia o significado), era normal para uma criança, para mim, tudo isso era normal.

Tudo isso ficava muito confuso na minha cabeça quando eu percebi que estava sentindo algo estranho pelo garoto bonito da sala que todas as garotas queriam, o pavor de toda criança viada, isso era por volta dos 7 anos de

idade.

<sup>3</sup> Rodrigo Alcazar Faro é um apresentador, ator e ex-cantor brasileiro.

Crescendo mais e desistindo completamente de sentir algo especial por alguma garota, eu estava num grande tornado de emoções quando mudei para uma escola nova com uns 13 anos, sem grandes amigos, eu era bem feliz no mundo virtual mesmo.

Fiz muitos amigos jogando, conheci todo tipo de gente, com esse acesso a internet eu comecei a tirar muitas das minhas dúvidas. Cheguei num filme lindo chamado *Hoje Eu Quero Voltar Sozinho*<sup>4</sup> (mostre que você é gay, sem dizer que você é gay). O clichê de todo gay da minha idade era se descobrir com esse filme e não era à toa, o filme era lindo e foi como uma brisa fresca saber que eu poderia ser gay e não ter um final terrível, eu poderia simplesmente ser feliz.

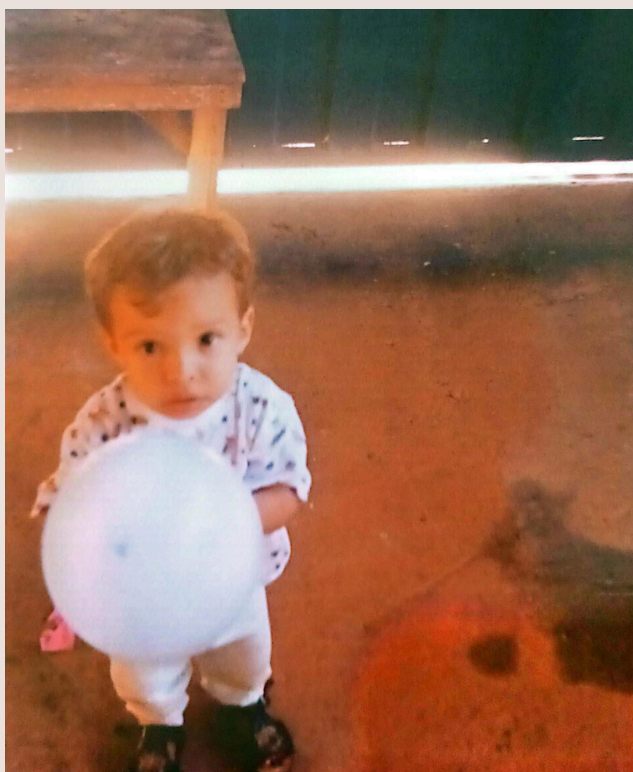


Imagem 4: Reinaldo Ribeiro (2003). Fonte: Arquivo Pessoal

Comecei aos poucos me assumindo para quem eu sentia mais confiança: meus web amigos que eu tinha certeza que não ia me matar caso eu contasse que era gay, era só bloquear. Acredito que 99% dos meus amigos me aceitaram super tranquilos (como se tivesse que aceitar alguma coisa). Mas junto dos grandes amigos virtuais e de me aceitar como parte da comunidade LGBTQIAPN+<sup>5</sup>, veio um grande personagem para essa história: O Lap.

---

<sup>4</sup> No momento em que esse memorial foi escrito, o filme está disponível no serviço de stream Netflix. Dirigido e escrito por Daniel Ribeiro.

<sup>5</sup> LGBTQIAPN+ é uma sigla que representa a diversidade de orientações sexuais, identidades e expressões de gênero, incluindo Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexo, Assexuais, Pansexuais, Não-binários e outras identidades, marcadas pelo “+”

**Break free - Ariana Grande<sup>6</sup>**

Uh, I only wanna die alive

Uh, eu só quero morrer me sentindo viva

Never by the hands of a broken heart  
Nunca por causa de um coração partido

Uh, don't wanna hear you lie tonight  
Uh, não quero ouvir você mentir essa noite

Now that I've become who I really am  
Agora que me tornei quem eu realmente sou

This is the part when I say I don't want ya  
Essa é a parte em que digo que não te quero

I'm stronger than I've been before  
Eu sou mais forte do que era antes

This is the part when I break free  
Essa é a parte em que eu me liberto

'Cause I can't resist it no more  
Porque eu não posso mais resistir



Imagem 5: Spotify. Código Spotify - *Break free*, Ariana Grande. 2024. Fonte: Spotify.

---

<sup>6</sup> Recomendação do escritor: Você pode encontrar as músicas que estou usando na escrita pesquisando pelo nome delas ou usando o Spotify. É só abrir o aplicativo, ir em Buscar, usar a ferramenta da Câmera e escanear o código com a imagem acima.

### ***Lap Marks está digitando...***

Lap Marks disse:

Ganhei o apelido “Lap” dos meus amigos virtuais, a pronúncia é em inglês mesmo, “Lep”. Não é nada de muito extraordinário não, era um nome aleatório de um personagem que eu usava num joguinho e toda vez que conto a origem desse apelido, a história é diferente, nunca conto certo.

O Lap de 13/14 anos era tudo, seus amigos mandavam memes para ele, ele era um garoto muito legal no seu mundinho, mas infelizmente isso tudo era virtual. Eu ainda era extremamente tímido e não foi um apelido que me mudou, mas foi com esse apelido que eu enxerguei a possibilidade de tentar ser alguém diferente.

Mudei de colégio e esse foi um ponto muito importante para eu me tornar quem sou hoje. Nesse novo colégio eu encontrei meus primeiros grandes amigos “reais” onde a maioria sabia me apoiar, não sei muito bem explicar mas eu sempre gostei de mostrar minhas criações para as pessoas e ter alguém para confiar era muito importante. Nessa época, não podia contar com meus pais pois ainda não era assumido para eles, tudo envolvia minha sexualidade, até minha arte.

Comecei a escrever bastante nesse novo colégio, já gostava muito de fazer traduções de música e até mesmo compor minhas letras usando os instrumentais de outras, facilmente seria taxado como plágio mas a sorte era que eu nunca pensava em gravar essas músicas, era tudo um passatempo. Todas as minhas poesias que não envolviam temas LGBTQIAPN+, falar de paixões ou sobre minhas lutas eram facilmente lidas pela minha mãe, ela gostava muito. Já as escritas sobre temas onde ela não poderia saber, ficavam apenas para meus amigos e professores, muitos me encorajaram a continuar e publicar essas poesias.

*E era sentado*

*Em uma cadeira, isolado*

*Que começa a fluir seus sentimentos*

*Que suas roupas pareciam cimento*

*Confuso em seu próprio pensamento*

*Se afogava na escuridão do anoitecer*

*E se perguntava o que iria acontecer*

*Se ele iria merecer*

*Amanhã, de novo, o sol nascer*  
*Se ele merecia acordar*  
*E de outro sonho despertar*  
*Se ele merecia aparecer*  
*Para aqueles que mais o queriam ver*  
*Esse era a dúvida*  
*De um jovem poeta que amava sua vida*

*Lap Marks*

Eu encontrava na escrita a possibilidade de me expressar. Procurando esse poema aí, me lembrei de um momento muito interessante que marcou minhas escritas, acho que foi uma das melhores frases que disse nessa fase escritor. Um amigo meu desenhava e ele dizia que conseguia se expressar muito bem nos desenhos, para ele, era estranho se expressar com palavras pois às vezes não sabia a palavra certa para certo momento. Ele chegou a dizer que era “impossível” se expressar apenas com palavras, peguei meu bloquinho de notas e escrevi:

*“Sim, é poético expressar a paz de um ataque cardíaco e o inferno da calma”*

Parando para refletir essa frase hoje, me dá um pouco de vergonha alheia pensar que eu com 16 anos era tão exagerado assim nas escritas, porém é interessante saber que sempre “gostei” do “conflito” na criação artística. Sempre gostei de frases contraditórias, usar termos ao contrário e pensar/olhar por trás de tudo o que me é apresentado. Com essa frase eu queria dizer que para um poeta, é “fácil” encontrar a paz em uma desgraça e o mau em algo bom. Normalmente as pessoas esboçam seus sentimentos de maneiras previsíveis, relatar a tristeza sempre trouxe elementos como cores frias e ações negativas, mas sempre pensei que as emoções podem ser interpretadas de maneiras diferentes pelas pessoas. Eu posso muito bem estar feliz por ter conseguido chorar em uma situação, como por exemplo, a grande dificuldade que tinha, quando criança, de chorar em enterros, cresci e hoje choro por entender a delicadeza do momento. Crianças não costumam entender a morte.

Mas nessa jornada de continuar vivendo envolto de arte, meu colégio virou um CEPI (Centro de Ensino em Período Integral) quando eu estava no segundo ano do ensino médio, escolhi permanecer por ter interesse em estudar em período integral e pelas propostas de acolhimento das áreas de interesse dos alunos. Finalmente consegui mais visibilidade fazendo teatro, mesmo sendo teatrinho de colégio (digo “teatrinho” por ter pouco investimento e incentivo para ser realizado, longe de mim diminuir isso), mas foi muito interessante participar da montagem e da direção das peças, já que eu era um dos únicos mais interessados nas aulas.

### **CHEGAMOS NUMA PARTE IMPORTANTE, FAVOR PRESTAR ATENÇÃO.**

O Reinaldo mencionou que nunca teve coragem de dançar, certo? Ele disse que apenas conseguia dançar quadrilha e coisinhas mais simples, para a idade dele eram bem mais complexas, para falar a verdade, esses primeiros momentos são bem importantes.

Enfim, eu fiz um grupo de amigas nesse começo do colégio em período integral, todas gostavam muito de KPOP<sup>7</sup> e eu comecei a escutar bastante com elas, ficava admirado com as coreografias e os clipes. Ia para casa delas e a gente ficava vendo videoclipe a tarde toda e tentava imitar os passos de dança dos chamados “dance practice”. No KPOP, existe uma “brincadeira” chamada KPOP Random Dance, onde um monte de gente faz uma grande roda e colocam vários trechos de músicas de KPOP para dançar. Quando toca um refrão que você conhece, você corre para o centro e dança, acaba o refrão, volta para o seu lugar. Então eu participava dessas rodinhas apenas nas casas das minhas amigas, mas aí tinha um problema: eu não dançava, muito menos sabia alguma coreografia.

Então com isso está feito minha entrada na dança, aprendendo kpop com as amigas e me divertindo bastante com esses momentos, eu só não imaginava que isso iria tão longe. Entre dancinhas nos intervalos e reuniões nas casas dos amigos, surge uma vontade enorme de mostrar isso para o colégio, por sorte, um show de talentos foi feito em um evento dias antes das férias de julho, era agora ou nunca. Eu e quatro amigas sabíamos um refrão de uma música e queríamos apresentar, saímos escondidos na hora do almoço para uma sala de aula vazia e ensaiamos até suar toda a coreografia da música. Adaptamos alguns movimentos pelo tempo do

---

<sup>7</sup> Gênero musical que surgiu na Coreia do Sul, conhecido por vídeo clipes com muita dança e elementos audiovisuais. Se popularizou no Brasil entre os jovens e hoje abriu portas e destaque aos Doramas, que são as novelas da Coreia do Sul.

ensaio e por sermos bem amadores, eu fui o centro por ser o único garoto do grupo, fizeram questão de me colocar no meio da formação (eu julgo ser para que eu passe mais vergonha). Chegou a tão esperada hora do show de talentos e com um grito no microfone a professora anuncia:

### **E AGORA COM VOCÊS, AS MENINAS DA DANÇA... E O REINALDO**

*Reinaldo Ribeiro está digitando...*

Reinaldo Ribeiro disse:

Calma aí, querido, tem Reinaldo nessa parte não, foi você que dançou.

*Lap Marks está digitando...*

Lap Marks disse:

E você jura que a professora iria chamar a gente por Lap, né? Deixa eu continuar:

Gritos por todas as partes do pátio tomam conta dos meus ouvidos e eu juro que só dancei a música porque eu tenho uma memória muito boa para música, porque tinha hora que eu não ouvia nada além de grito.

A música era **SOLO - Jennie**<sup>8</sup> e eu nunca me esqueço dessa coreografia e como eu surtei com a energia da plateia.

---

<sup>8</sup> Recomendação do escritor: Você pode encontrar as músicas que estou usando na escrita pesquisando pelo nome delas ou usando o Spotify. É só abrir o aplicativo, ir em Buscar, usar a ferramenta da Câmera e escanear o código com a imagem acima.



Imagem 6: Spotify. Código Spotify - SOLO, Jennie. 2024. Fonte: Spotify.

O nervosismo não me deixou enxergar muito bem os rostos das pessoas, mas eu via alguns gritando e aplaudindo tão eufóricos que isso só alimentou mais ainda a performance quando eu nem sabia o que seria essa “performance”, foi incrível.

Os próximos dias foram incríveis, eu andava pelos corredores do colégio como uma celebridade. As pessoas me elogiavam, paravam eu e minhas amigas e falavam que queriam ver a gente dançando mais, a gente era até bom para nossa idade (também não tinha mais ninguém que dançava no colégio, então o nível era baixo mesmo).

Junto das admirações, muitos fizeram uma proposta diferente: criar um PJ (Protagonismo Juvenil, em CEPs, era basicamente o horário que tínhamos na semana para ministrar “aulas” para outros estudantes do colégio sobre temas que gostaríamos), em meio a tantos outros temas como PJ de meio ambiente, grupo de estudos, video game, surgia o nosso PJ de Dança. Enviamos o projeto para a coordenação e logo foi aprovado, adoraram a ideia, abrimos as inscrições e eu juro que não esperava nem meia dúzia de alunos. Primeiro dia de aula, eu e duas amigas seríamos os “professores” desse PJ, nos deparamos com uma lista de 35 estudantes interessados nas aulas e entrando num auditório que mal cabia 20, um do lado do outro. Acho que o cabelo branco que eu tenho na franja é desse episódio. Nervosos, conversamos com os queridos e decidimos o tema da primeira apresentação: *Halloween*. Cada um dos três professores trouxe uma coreografia diferente, até o dia da apresentação, metade desistiu, mas conseguimos entregar a

proposta no evento de halloween do colégio e ser bastante elogiado pelos professores.

Foram essas duas experiências que me despertaram para a possibilidade de cursar Dança, fiz o Enem no mesmo ano e passei para a turma de 2020 para a licenciatura em Dança da UFG<sup>9</sup>. Entre comemorações e choros por sempre duvidar do meu potencial, eu passaria por um grande desafio: a pandemia.

Em março de 2020, eu chego em casa depois de um longo e incrível final de semana comemorando e ainda não caiu a ficha que estudaria Dança na universidade que sonhei entrar o ensino médio todo. Era um domingo quando minha mãe me atualizou das notícias dizendo que tudo seria fechado e as pessoas deveriam ficar em casa por conta do Covid 19<sup>10</sup>, no começo, apenas duas semanas. Recebi emails da faculdade dizendo que não haveria aula na segunda feira pelo grande risco à nossa saúde, entrei em desespero, justo na minha vez de estudar na UFG.

Passaram alguns meses, depois de muitas reuniões com professores e alunos do curso sobre qual rumo deveríamos tomar, visto que a pandemia não tinha nem data de validade. Decidiram voltar às aulas de forma remota e com o EAD (ensino a distância), me organizei e avisei meus pais que precisava de um espaço para assistir as aulas direitinho. Dispensando qualquer descrição detalhada de como foi esse período, só consigo dizer que foi difícil.

**Memórias de paz e caos** foi o título do primeiro trabalho que fiz na graduação, você pode encontrar no meu instagram: @lap\_marks. É um vídeo que gravei na disciplina de História da Arte, a proposta era criar algo relacionado à alguns temas que a professora sugeriu e desses temas eu selecionei: vídeo dança, performance e arte conceitual. Coloquei muitos sentimentos que me amarravam naquela época, como a vontade de desistir do curso, os insultos que ouvia me fazendo achar que era perda de tempo tudo aquilo, o medo de morrer para o covid e vários outros. Tranquei o curso logo depois desse primeiro período e tentei trabalhar, mas nenhum dos meus trabalhos foram relacionados a dança.

---

<sup>9</sup> Sigla para Universidade Federal de Goiás.

<sup>10</sup> Vírus que causou uma pandemia que matou milhões de pessoas no mundo todo, iniciando por volta de 2019, se controlando em 2022, deixando rastros até a atualidade.

Voltando para a faculdade, com o uso de máscara mas não foi tão perigoso assim, já tinha muita gente vacinada e se cuidando, felizmente não adoeci.

Fiz diversos trabalhos ao longo dos anos, o presencial voltou mesmo em 2022, desde então tentei seguir à risca minha grade curricular para aproveitar ao máximo o curso (realidade: fiquei doido). Mas fiz diversos trabalhos legais, os que mais gosto estão no meu instagram que disse mais pra cima. Ponto importante para o **Soltar das Amarras** que fiz na disciplina de dança clássica com meu amorzinho Prof. Dre. Alex Rosa, grato a tudo que já me ensinou (ué, os agradecimentos do trabalho tão diferentes).

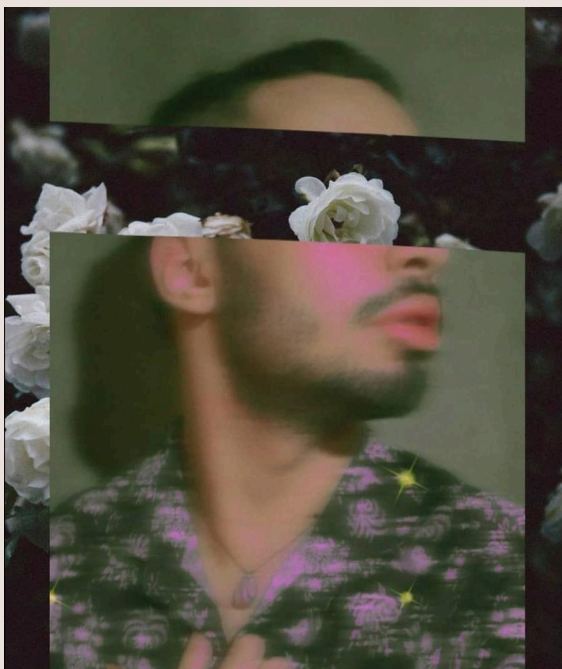


Imagem 7: Lap Marks (2021). Fonte: Arquivo pessoal.

A gente pesquisa muito na graduação, acho que em toda parte, eu mesmo já pensei em diversos temas para esse trabalho, como uma boa pessoa ansiosa, eu já comecei bem cedo pensando nisso tudo. Já me interessei pela dançaterapia (acredite), já fui da dança contemporânea, ainda acho bem interessante, penso em voltar. Mas fiquei encantado pela performance, era o espaço que eu procurava para criar coisas envolvendo mais sentimentos e menos preocupações com técnicas de dança, não que a performance não tenha suas

preocupações.

Comecei a explorar isso melhor na disciplina de Processos Criativos em Dança onde conheci e me aproximei mais da minha querida orientadora Ana Reis (eita como é puxa saco, descansa). Mas também conheci a queridíssima Ana Alonso, que mais para frente a Fúria vai explicar melhor a relação dela com o babado todo. Junto dessa disciplina dona do meu coração, que foi ministrada pelas profs Anas, consegui criar trabalhos até mesmo para as outras disciplinas do curso de Dança. Já performei de cueca em dança contemporânea, já me emocionei muito citando minha mãe em um trabalho sobre ancestralidade, também já fiz

fotoperformance que virou uma performance onde expliquei melhor todas as minhas questões de gênero.

Em específico, a performance de cueca (socorro, passo cada coisa por não dar nome pros trabalhos) e a sobre gênero, tiveram uma dublagem, que vou deixar para a Fúria explicar.

### ***Fúria Virtuosa está digitando...***

Fúria Virtuosa disse:

Obrigada Lap, sempre jogando a batata quente na minha mão.

Oi leitor, eu sou a Fúria Virtuosa, uma *drag* muito famosa. Na verdade, algum dia serei. Eu apareci nessa história um pouco antes dessas performances com dublagem, mas nessa época nem nome eu tinha. A gente sempre gostou muito de *drags*, a primeira arrisco dizer que foi o Rodrigo Faro no Vai dar Namoro, que era um programa que passava sábado na televisão e acho que já serviu de muita inspiração para minha criação. Acreditem, o Rodrigo arrasou muito! Indo muito no **Cabaré das Divas**<sup>11</sup>, foram surgindo ideias de como usar a arte *Drag* na minha dança. Gosto muito de dublagem, acho uma característica das *drags* muito marcante e incrível. Você pode dublar com o corpo todo.

Buscando referências, colocando dublagem nas performances da graduação, eu surgi inspirada em artistas como a Olivia Newton-John<sup>12</sup>, Ariana Grande<sup>13</sup>, Demi Lovato<sup>14</sup>, Kate Bush<sup>15</sup> e outras. Daí surgiu o tema para esse trabalho, eu queria debater sobre como é importante a arte *drag* e como ela foi libertadora para mim.

O Lap disse que a Prof Ana Alonso me ajudou muito, e ajudou mesmo, a provocação dela de debatermos sobre como nos enxergamos e sentimos andando pela cidade me fez refletir muitas coisas. Primeiro que o Lap não poderia sair maquiado nas ruas, muito menos eu sairia de peruca e salto alto. Nossa arte é atacada por várias interferências e isso me provocou a criar uma performance onde eu mostrasse quem sou de verdade. Mostrar que a Fúria é sim importante nos lugares assim como toda *drag*.

Foi com o lançamento do hit, maioral, da diva maravilhosa, incrível, talentosíssima, arrisco dizer dona de 50% da minha estética *drag*:

---

<sup>11</sup> Cabaré das Divas é uma série espetáculo criado e apresentado por várias drags goianas e que exalta a arte drag e transformista. Em cartaz a mais de 9 anos mostrando performances de dança, canto, dublagem e humor individuais ou em grupo.

<sup>12</sup> Cantora, compositora e atriz britânica.

<sup>13</sup> Cantora, compositora, atriz e empresária norte americana.

<sup>14</sup> Cantora, compositora e atriz norte americana.

<sup>15</sup> Cantora, compositora, musicista, dançarina e produtora musical performática inglesa.

## **Yes, and? - Ariana Grande<sup>16</sup>**

Boy, come on, put your lipstick on  
Garoto, vamos lá, passe seu batom

(No one can tell you nothing)  
(Ninguém pode te dizer nada)

Come on and walk this way through the fire  
Vamos lá e atravesse o fogo seguindo esse caminho

(Don't care what's on their mind)  
(Não se importe com o que eles pensam)

And if you find yourself in a dark situation  
E se você se encontrar em uma situação sombria

Just turn on your light and be like  
Basta acender sua luz e ficar tipo

Yes, and?  
Sim, e?

Say that shit with your chest and  
Fale essa porra com firmeza e

Be your own fucking best friend  
Seja a porra do seu melhor amigo

Say that shit with your chest  
Fale essa porra com firmeza

Keep moving like: What's next?  
Continue se movendo tipo: O que vem a seguir?

Yes, and?  
Sim, e?

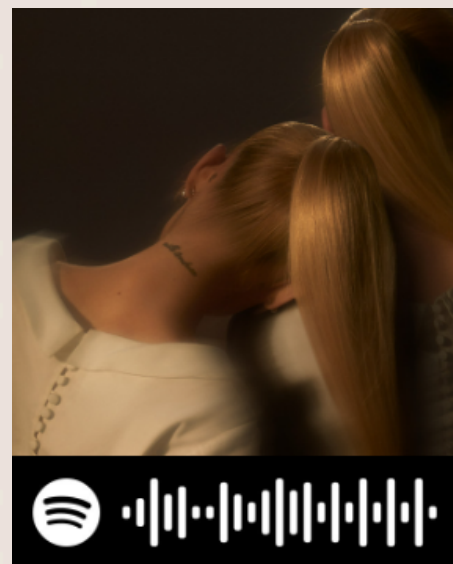


Imagem 8: Spotify. Código Spotify -  
Yes, and?, Ariana Grande. 2024.  
Fonte: Spotify.

<sup>16</sup> Recomendação do escritor: Você pode encontrar as músicas que estou usando na escrita pesquisando pelo nome delas ou usando o Spotify. É só abrir o aplicativo, ir em Buscar, usar a ferramenta da Câmera e escanear o código com a imagem acima.

Essa música fala para você botar seu batom e ir ser quem você realmente é, quando perguntarem ou disserem alguma coisa desnecessária como:

Você engordou?

Você emagreceu?

Nossa, essa roupa não ficou boa!

Meu Deus! Que corte é esse?

Etc. Etc. Etc.

Você vira para essa pessoa e diz: Yes, and? (Sim, e daí?)

Queria eu poder sair nas ruas do jeito que quero e poder responder assim, mas a realidade é outra, poderia ser muito perigoso. Por isso tento trazer sempre alguma crítica nas minhas performances, seja lembrar da existência das pessoas trans na comunidade LGBTQIAPN+ ou até mesmo exigir respeito de diversas formas. Busco trazer sentimentos e histórias para que o público possa refletir e levar aquela performance para além do palco.

E é sobre tudo isso que quero discutir nesse TCC, a importância que uma *drag* (seja *queen* ou *king*, vou explicar melhor estes dois termos ao longo do trabalho) tem de usar sua arte para denunciar, representar e se posicionar na sociedade. Porque não é só sobre bater cabelo ou estar sempre belíssima, meu amor.

Nesse chá revelação temos três cores: o **Vermelho**, **Laranja** e o **Amarelo**.

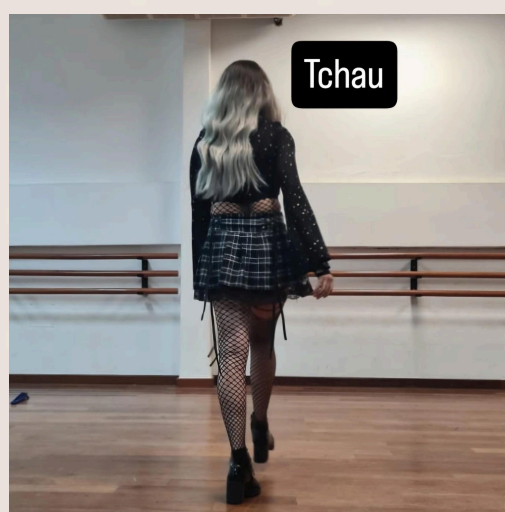
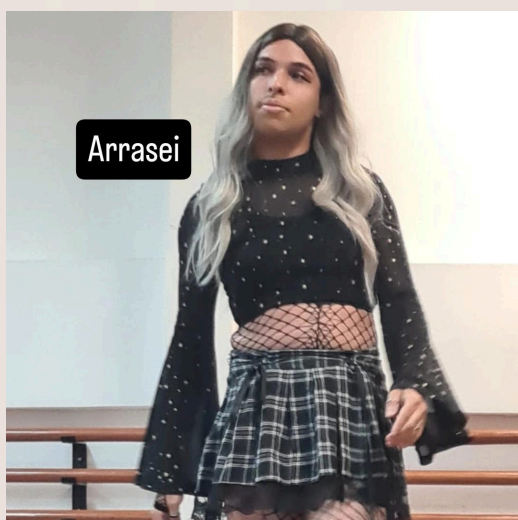


Imagem 9 e 10: Fúria Virtuosa (2024). Fotografias de Laryssa Gomes.

🔒 Conversa não indicada para quem não tem senso de humor, não nos responsabilizamos por más interpretações



### Lap Marks



Ato 2 ❤️ - Ele cria, performa e tem inseguranças

00:00

*Lap Marks está digitando...*

Lap Marks disse:

Oi leitor, você ainda está aqui? Te acho bem corajoso por não ter desistido da gente depois desta apresentação, obrigado.

Bom, fiquei de te falar mais sobre performance para te dar um contexto melhor dessa bagunça toda. Comecei a ter contato com a performance nos processos criativos do curso de dança, é um assunto que ao meu ver, é bem cansativo de se entender, mas vale a pena. Cansativo no sentido de que você sente que quanto mais lê/pesquisa, mais sente curiosidade para entender as múltiplas caras da performance.

Para te explicar melhor, tive que tirar algumas dúvidas com alguns autores queridos, Renato Cohen (2002) fala sobre seus processos de criação e performance destacando dois pontos importantes no seu ponto de vista:

Dois pontos se mostraram claros nesse processo — por um lado uma identificação com a cultura underground e, ao mesmo tempo, a busca dentro do teatro, que foi a expressão pela qual eu me engajei, de um resultado que não levasse unicamente à representação e tivesse maior aproximação com a vida. (Cohen, 2002, p.19)

Bom, ele traz ao longo deste artigo essa fala de que a performance se encontra em diversas expressões artísticas, no caso dele, mais focado no teatro, mas é importante lembrar que performance não surge apenas no teatro (esse trabalho mesmo é defendido em um curso de dança, tem performance para todo mundo). Mas o que eu queria trazer com esse trecho é esse termo *Underground* que ele trás, ele diz que “essa identificação diz respeito à contracultura, ao movimento hippie, à sociedade alternativa, à arte experimental etc.” (Cohen, 2002, p.19) então pode se dizer que a performance é “underground” no sentido de ser uma expressão artística “diferentona” ou “desconstruída” (em muitas aspas). Por exemplo, o termo *underground* também é trazido na música, artistas mais “fora do meio” ou que são mais conhecidos “na sua bolha” (termos que são usados para dizer que um artista é bem conhecido entre seus fãs, mas que dificilmente lança coisas versáteis e que agradam outros públicos) são tratados com essa identidade de contracultura e de optarem por uma arte experimental e alternativa.

Vou dar um exemplo e espero que faça sentido. Temos cantores internacionais na atualidade (levando em consideração que essa conversa está acontecendo em 2024) que são considerados *underground* pelos seus estilos alternativos. Melanie Martinez é uma cantora e compositora que se identifica com os gêneros musicais indie<sup>17</sup>, folk<sup>18</sup> e pop alternativo<sup>19</sup>. Ela é considerada uma artista *underground* por ter trabalhos bem autênticos e uma estética bem marcante com seus clipes musicais adoráveis com bonecas e cores pastéis, mas suas letras fortes e polêmicas. O que quero dizer é que a Melanie Martinez, no meio musical, é mais ou menos o equivalente à performance entre as artes. Ouça no Spotify: **Dollhouse - Melanie Martinez**<sup>20</sup>.



Imagem 11: Spotify. Código Spotify - *Dollhouse*, Melanie Martinez. 2024. Fonte: Spotify.

“Tá bom, Lap, mas aonde você está querendo chegar?”, você deve estar se perguntando. Estou tentando deixar aqui que me senti bastante confortável ao

<sup>17</sup> Estilo de música independente, onde os artistas costumam compor as próprias letras e criar as melodias das músicas, sem ajuda de uma gravadora ou de investimentos de fora, apenas o artista.

<sup>18</sup> Estilo baseado em tradições populares e acústicas, temas mais voltados para a natureza e instrumentos básicos como o violão.

<sup>19</sup> Conhecido por inovar, o pop alternativo mistura um pouco de rock e indie e foca na experimentação dos instrumentos e melodias.

<sup>20</sup> Recomendação do escritor: Você pode encontrar as músicas que estou usando na escrita pesquisando pelo nome delas ou usando o Spotify. É só abrir o aplicativo, ir em Buscar, usar a ferramenta da Câmera e escanear o código com a imagem acima.

assimilar a performance à essa imagem de uma expressão artística que pode ser inserida em outras diversas artes pelo seu caráter versátil e por ter suas definições bem fluidas. Porque performance é um assunto delicado de se debater, tudo pode ser e nada pode ser performance. Um querido chamado Yuri Martins (2023) já dizia:

De forma geral, a performance é um campo da arte de difícil compreensão, pois não possui definições tão congruentes ou um conceito fechado que elucide de forma objetiva o que essa ramificação artística tem como possibilidade de proposição. Inclusive, essa é uma das premissas da performance, não se prender ou ser refém de uma conceituação engessada e padronizada. (Martins, 2023, p.72).

O querido também busca entender a performance pela semântica da palavra, influenciando a pensarmos ela como seu significado literal de “desempenho, atuação, feito, apresentação, execução de algo ou alguma coisa e afins.” (Martins, 2023, p.73). Ou seja, conseguimos entender a performance como o ato de dar vida às ideias, manifestar a arte e expressar ações.

Me pego pensando no porquê de não termos um curso voltado para a performance. Assim como o curso de teatro, o curso de dança, o curso de música, por que a performance não é digna de um curso só para ela? Acredito eu, na minha humilde existência e insignificância nesse mundo repleto de pessoas muito inteligentes e que tem total permissão para discordar de mim, acredito que a performance seja extensa e grandiosa ao ponto de roubar bons anos da vida de alguém, mas que ela anda tão lado a lado de alguma dessas artes citadas à cima (teatro, dança, música, etc) que ela age muito mais como um suplemento para que a arte se sinta inspirada a realizar seu treinho de perna na academia (terrível esse exemplo, terrível). O que quero dizer é que a performance é meio que a massa do bolo, mas muitas vezes ela também é o recheio, às vezes, ela pode ser o fermento e dia sim, dia não, a cobertura.

A/o música/dança/teatro/desenho existe sem a performance, mas existe o ato de performar uma/um música/dança/teatro/desenho.

Seria uma via de mão dupla? A performance precisa que algum artista a procure, igualmente um artista precisa performar sua arte.

Também se pode entender que a performance é uma menina solta que tem suas características únicas não presas à outras artes. Mas essa é uma das grandes

graças da arte, a música tem um caso amoroso com a dança, onde a dança dá uns amassos no teatro, o teatro troca uma ideia com a música e eu diria que a performance é a grande conquistadora de corações desse grande laço amoroso. Cito muito essas três manifestações artísticas (teatro, dança e música) porque são os que tenho mais contato, mas você entende que esse grande relacionamento aberto das artes inclui tudo o que você entende por arte, certo?

Conseguimos também performar gêneros. A performance de gênero se parece um pouco com a artística, pensando pelo lado de que gênero carrega suas características e definições que são a todo tempo exploradas e rompidas. Perguntei para Judith Butler e ela disse:

O gênero não deve ser construído como uma identidade estável ou um locus de ação do qual decorrem vários atos; em vez disso, o gênero é uma identidade tenuemente constituída no tempo, instituído num espaço externo por meio de uma repetição estilizada de atos. O efeito do gênero se produz pela estilização do corpo e deve ser entendido, conseqüentemente, como a forma corriqueira pela qual os gestos, movimentos e estilos corporais de vários tipos constituem a ilusão de um eu permanente marcado pelo gênero. Butler (2018, p. 187)

O interessante dessa fala da Judith é que suas próprias palavras são performativas, caminham com esse sentido de que citei onde gênero é algo mutável, sendo feito e refeito o tempo todo.

Não sei dizer se me identifico com um gênero específico, no momento, sei que gosto de performar o masculino e o feminino, ambos do meu jeito e como me sinto confortável de trazê-los ao mundo. Para mim, sempre foi a representação de como me sinto mais confortável. Se usar uma saia me faz estar confortável, então minha performance de gênero é feminina (claro, levando em consideração o que é levado como feminino no atual momento da sociedade).

Lembra que citei uma coisa do tipo “tudo pode ser e nada pode ser performance”? Então, a Maria Beatriz de Medeiros (2005) vai discordar um pouquinho disso, ela diz que “O que denominamos performance é arte, isto é, voluntariamente ato que visa revelar o outro do mundo sensível e, assim fazendo, criar faíscas de inteligibilidade.” O que eu entendi foi que não é simplesmente um “tudo é performance”, para se tornar uma, deve-se entender o porquê da

necessidade de realizar tal ação na intenção de denominá-la como performance. Por que quero performar isso? Devo? Qual a minha intenção? Quais os resultados quero ter e quais aqueles eu mal imagino que receberei? Em outras palavras, ela mostra que a performance precisa de uma intenção, de uma causa, precisa ser pensada e questionada. Precisa de processos de criação onde tal ato seja pensado como performance.

Na dança não realizamos algo parecido? Na minha opinião, pensamos, cria-se uma coreografia ou célula coreográfica<sup>21</sup>, ensaios e acabamentos são feitos e logo apresentamos essa dança para o público. Daí entendemos que uma dança foi feita. Acredito que por isso que muitas movimentações fora do ambiente dançante não são consideradas dança (para alguns que não pesquisam ou enxergam a dança nesses micro lugares). Mas enfim.

Voltando às loucuras da performance, quero trazer mais uma fala de Maria Beatriz de Medeiros:

A performance é carinho por ser metamorfose: inédita, efêmera, translinguística, grupal, intersubjetividade. Ela se inventa a cada atuação relacionando-se com o espaço específico onde se dá. Improviso. Ela é linguagem sem gramática, sem léxico. Não funda conceitos, testa, experimenta. Realiza-se e nada conclui. Deixa o interator abandonado à sua percepção desestabilizada. (Medeiros, 2009, p. 3)

Aqui ela foi luz, trazendo uma fala que me fez pensar em como é gostoso falar sobre performance (tirando os momentos onde nem a gente está entendendo o que é performance), como pode ser bonito e metafórico falar sobre uma expressão artística com suas particularidades e desejos múltiplos. Uma arte que é inimiga do fim, sempre se reinventa e, de acordo com a citação, não limita e nem conclui trabalhos, sempre abre possibilidades para algo novo.

---

<sup>21</sup> Ao contrário da coreografia, a célula coreográfica é um fragmento da versão completa da coreografia, podendo ser só um passo ou uma sequência pequena.

Vou até indicar mais uma música, prepara o Spotify, abrindo a busca e usando a ferramenta da câmera para ler esse código abaixo. Pode também só pesquisar por **Colapso Invisível - YMA**<sup>22</sup> em outra plataforma de música, pode fazer o que quiser.

Nessa altura do campeonato, você leitor, imagino que esteja em vários momentos e pensamentos em relação às minhas recomendações.

**Primeira hipótese** - Leitor disse: esses autores pensam que eu sou rádio agora pra ficar colocando as músicas que eles gostam.

**Segunda hipótese** - Leitor disse: ai que gracinha essas músicas, tô adorando, sinto que estou num momento único com os escritores.

**Terceira hipótese (só porque eu gosto do número 3)** - Leitor disse: tô perdido, tô gostando mas acho uma grande loucura performativa e que vocês tão só me enrolando aqui.

Calma, calma. Recomendei essa música da YMA para você prestar atenção na letra, na capa do álbum e na construção como um todo, porque para mim, criar uma performance é olhar para todos os lados e perceber todas as possibilidades e ser refém de todos os estímulos. Escolhi o **Colapso Invisível** pela capa do álbum linda e cheia de significados (tanto os da criadora, quanto os de quem vê), pela melodia melancólica e pela letra que diz:

Dos olhos que se explodem ao se abrir

Na parede do corpo

Um contorno torna-se turvo

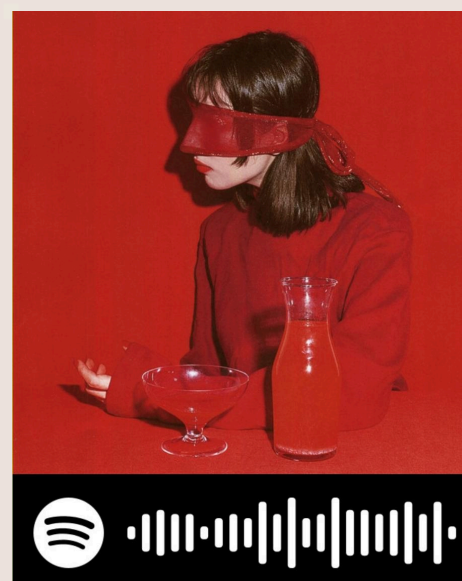


Imagem 12: Spotify. Código Spotify - Colapso Invisível, YMA. 2024. Fonte: Spotify.

<sup>22</sup> Recomendação do escritor: Você pode encontrar as músicas que estou usando na escrita pesquisando pelo nome delas ou usando o Spotify. É só abrir o aplicativo, ir em Buscar, usar a ferramenta da Câmera e escanear o código com a imagem acima.

Você respirando fundo  
As cores fortes de um quadro mudo  
Depois de me vestir  
O amor é um colapso invisível  
Que pulsa em minhas costas

Espero que esteja gostando das minhas recomendações, porque vai ter mais!

=]



Imagem 13: Meme (2024), Fonte: Desconhecida

## **Divos e Divas que inspiram: Porque não só de surtos vive um artista.**

Vamos falar de inspirações, reflexões e trabalhos importantes para se entender e se aproximar mais do tema performance? Ao longo das minhas vivências no curso de Dança, vi vários exemplos performativos e que fizeram despertar o meu interesse pelo assunto. Você sabia que a performance pode ser pensada como uma expressão artística que precisa/procura/vive pelo contato ao público e de como a “plateia” tem total relevância na execução de tal ação? A linda Maria Beatriz de Medeiros fala sobre performance e sua relação com o “interator”, nome que ela traz ao falar do público, dizendo que a performance pode ser:

Realizada em grupo e/ou aberta à participação do interator, ela é permuta, seu espaço é gasoso. Ela é heterogênea: sendo troca viva, não se estabiliza; sendo efêmera, desafia a morte. A performance artística é sempre ímpar e inconstante, construindo-se como circunstância. (Medeiros, 2005, p.6)

Em outras palavras, essa “circunstância” são os meios em que a performance está inserida ao ser executada ou apresentada, ou seja, a circunstância seria o lugar, o clima, as interferências de pessoas, animais, sons, etc. Essa “troca viva” diz muito sobre como a performance caminha para lados diferentes quando em contato com as circunstâncias, desafiando a morte, ou então, a reprovação.

Mas como ela pode ser reprovada? Simples, ou nem tanto. A performance tem o caráter de ter múltiplas interpretações, visto que somos humanos com diferentes vivências, pontos de vista e princípios. Como somos reféns de termos um público para nos assistir, somos reféns de suas concepções. Com essa “inteligibilidade sensível entendida sempre como faísca: pedaços desgarrados de compreensão redimensionável” (Medeiros, 2007. p. 23) traz a percepção do público como faísca principal para que a ação reverbere em outros corpos além do performer.

Mas que conversa toda é essa? Só queria dizer que meu lugar de “interator”, como pessoa que recebia os trabalhos e absorvia aquilo tudo com meus princípios e conceitos fez com que reverbera uma grande vontade de também performar e estar do outro lado da ação. Porque antes de performar, acredito que devemos ser observadores, consumidores da arte e da vida para que possamos ter o que realizar.

Tá bom, tá bom, vamos falar das inspirações agora? Segue o fio.

Socorro, eu sou um virginiano muito chato e, esteticamente, odiei essa essa página aqui toda vazia. Vou jogar um meme<sup>23</sup> da Fúria aqui e sair correndo:

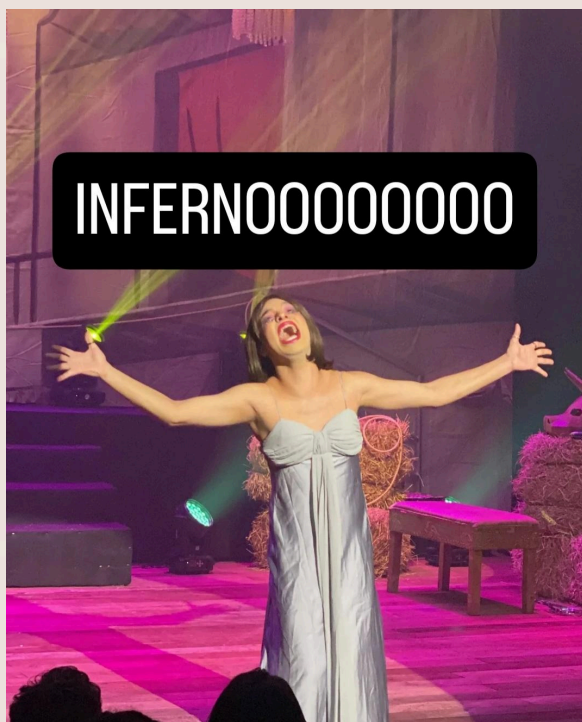


Imagem 14: Fúria Virtuosa (2024), Fotografia de José Ricardo.

*Fúria Virtuosa está digitando...*

Fúria Virtuosa disse: APAGA, AGORA

*Reinaldo Ribeiro está digitando...*

Reinaldo Ribeiro disse: Conta tudo pra nossa mãe, Fúria.

*Lap Marks está digitando...*

Lap Marks disse: Favor abrir a boca só quando for o capítulo de vocês. Bora voltar para o assunto:

---

<sup>23</sup> Memes são imagens, vídeos ou textos que se espalham na internet e as pessoas acabam usando como expressões no dia a dia. Alguma coisa fica muito famosa na internet e as pessoas começam a se comunicar com aquele “meme”.

## Ana Reis

Não, não é só porque a diva é minha orientadora. Mas quando o assunto é performance e a intenção é trazer trabalhos como exemplo, ela não podia ficar de fora. Conheci a Ana Reis na disciplina de Processos Criativos do curso de Dança da UFG, onde ela mostrou seus trabalhos para iniciar o debate e as reflexões sobre performance com nossa turma.

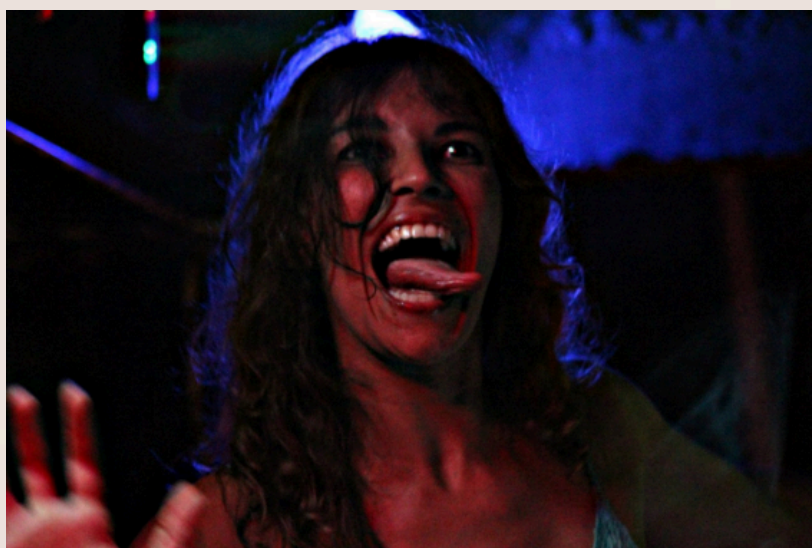


Imagem 15: Performance "Mulher sobre Torno" (2010), Ana Reis.  
Fotografia de Ilâne Nunes.

A primeira performance que quero trazer é "Mulher sobre Torno" e estou me baseando nos detalhes do texto que ela escreveu para essa composição. A gata costurou buchas de banho formando um grande túnel e colocou por cima do seu belo vestido azul, com o passar da performance, ela ia puxando e desenrolando esse grande túnel de buchas em sentido à cabeça, foi se despindo dessa segunda camada do vestido. Em cima de um torno (que eu mesmo não sabia o nome, mas aparentemente é o objeto que é usado para moldar a argila) ela se desenrola das buchas enquanto faz força com o corpo para girar manualmente esse torno. Enquanto gira, ela grita, fala, faz movimentos, chama a atenção para a figura dessa mulher que está tentando dizer algo e que muitos não sabem o que é.

Sobre imagem da mulher, Ana Reis questiona quantas interpretações do feminino essa performance pode gerar quando diz:

A mulher, no entanto, perde seu contorno subjetivo e se torna outras. Mulher totem, mulher objeto, mulher obra de arte, mulher monstro, mulher

bizarra, mulher deusa, mulher demônia, mulher musa, mulher caverna, mulher mito, mulher sereia, mulher azul que gira e gira e gira. Desconstrói-se até se desidentificar, tornar-se uma espécie de deusa Kali, mulher exuberante, de quatro braços, pele azulada, cabelos revoltos, olhos arregalados e a língua para fora para beber o sangue de seus inimigos. (Nascimento, 2018, p.424)

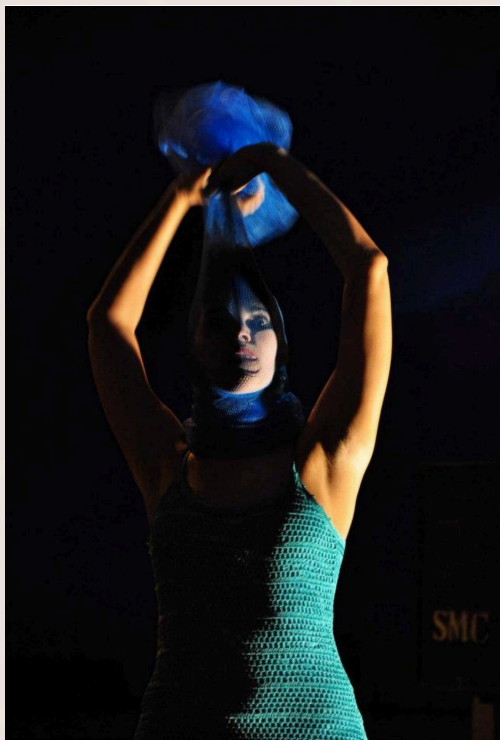


Imagem 16: Performance “Mulher sobre Torno” (2010), Ana Reis. Fotografia de Marco Nagoa.

Acredito que esse questionamento do que viria a ser a imagem da mulher nessa performance em específico surge pela quebra da expectativa. Muitos poderiam ver ela chegando no lugar da performance e pensar que ela estava vestida normalmente para a festa (os lugares escolhidos foram boates e festas), em uma visão simplificada, ela seria “apenas uma mulher”. A partir do momento em que a performance começa, ela se torna “A mulher”. Aquela mulher que está desfazendo sua própria roupa e fazendo sons e movimentos estranhos no meio de todas as pessoas.

Ao decorrer da performance, ela passa pimenta nos lábios, usa gelo, dança e faz caras e bocas. Essa utilização de elementos faz surgir várias representações, vejo muito a pimenta nos lábios como a representação de um “beijo fatal” que poderia estar a oferecer ao público.

Ao falar mais de feminilidade, ela trás suas inspirações quando diz:

No entanto, grande parte daquilo que aprendi sobre o que dizem ser a feminilidade, aprendi com as viadas, as bichas, as drags, as trans. Muitas mulheres com pau sabiam muito mais do que eu, mulher com buceta, todos os truques de maquiagem e cosmética, como mexer suas rabas até o chão e como caminhar lindamente em um sapato de salto. (Nascimento, 2018, p. 423)

E é isso: o conceito de feminino e de feminilidade é algo discutido. Com o tempo vão acontecendo algumas mudanças e novos contratos sobre o conceito de várias coisas surgem, ainda mais quando falamos de gênero. Com o tempo, a

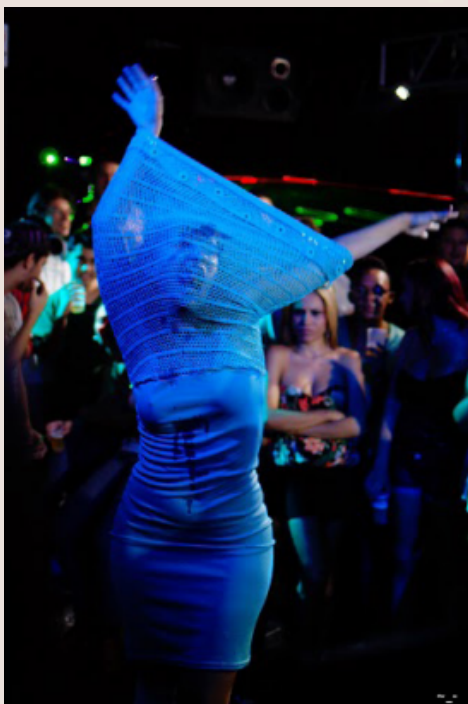


Imagem 17: Performance "Mulher sobre Torno" (2010), Ana Reis. Fotografia de Marco Nagoa.

sociedade debate sobre o que continua sendo feminino/masculino, o que já não é mais ou o que querem que seja. Esses conhecimentos vão passando de comunidade a comunidade, como ela diz, as

pessoas da comunidade LGBTQIAPN+ estão sempre em comunicação com os conceitos de gênero e estão sempre os reinventando e performando.

Com a leitura e a reflexão da performance, o que fica para mim é isso: **Mulher sobre Torno** é uma performance onde o foco é voltado para o que entendemos sobre a figura feminina e nos faz repensar se ainda carregamos algum pensamento machista, buscando reprimir mais ainda os

conceitos antiquados que, infelizmente, são impregnados na sociedade.

Outra performance que sou suspeito ao falar pois é uma das que mais me chama a atenção (e é uma performance que eu super faria algo do tipo para não estar plagiando a Ana) é a **Trajeto com Beterrabas**.



Imagem 18: Performance "Trajeto com Beterrabas" (2017), Ana Reis. Fotografia de Zilmarc Paulino.

Uma performance super potente e que me causou muitas reflexões quando vi pela primeira vez, infelizmente, apenas por registros, pois minha vontade mesmo era ver pessoalmente.

Com um vestido curto e branco, Ana Reis vai para locais diversos da cidade com uma bacia cheia de beterrabas e um ralador enorme nas mãos. Se posiciona no chão, sempre buscando uma forma confortável e funcional para o ato de ralar as beterrabas em seu ralador. Mas o que chama a atenção é a maneira como Ana realiza essa ação, ao ralar, o líquido vermelho cor de sangue mancha suas mãos, roupas e as ruas por onde passa. Com os pedaços da beterraba, ela se suja ainda mais com esse vermelho chamativo que percorre todo o corpo. As pessoas vão direcionando a atenção para a performance e os olhares são infinitos, nunca saberemos todos os comentários que foram feitos, mas é fato que o conservadorismo não gostou nada da ação.

Para mim, comentei algumas vezes sobre isso com a Ana, o melhor da performance sempre vai ser as publicações enfurecidas nas redes sociais dos conversadores.



Imagem 19: Meme (2017), Fonte: Desconhecida.

Bom, finalizando a parte sobre a Ana, o que fica para mim é que ela é uma figura que usa sua performance para reivindicar o direito de usar o corpo feminino com autonomia e liberdade, um corpo que uma vez foi tomado pelo machismo e misoginia e que hoje busca viver por conta própria e sem impedimentos. Estar em contato com seus trabalhos performativos contribuiu e contribui muito para minha formação acadêmica, artística, performativa e até mesmo docente.



Imagem 20: Filme RACHAS (2020), Ana Reis. Fotografia de Yuji Kodato.

### Princesa Ricardo Marinelli

Conheci o trabalho da Princesa com as pesquisas para essa conversa e ela foi como um milagre, discussões sobre performance, gênero e arte transformista em uma única pessoa, além de passar uma energia calorosa e completamente artística. Princesa foi professora por um tempo no curso de Dança e me dói o coração não ter tido a oportunidade de ter aula com a lenda.



Imagem 21: Princesa Ricardo Marinelli (2024). Fotografia de Cibelle Gaidus, publicada no Instagram.

Com sua montagem<sup>24</sup> bastante curiosa, Princesa Ricardo explora a fundo seu corpo como ferramenta performativa. Brincando com formas, cores, elementos de gênero (ou sem gênero, melhor dizendo), sua icônica barba é o que me chama mais atenção. Princesa usa sua barba como principal elemento da sua aparência, às vezes sem, outras com, incrivelmente com a barba pela metade. A maquiagem em uma parte só do rosto, usando tinta, escorrendo pelo corpo e pelo palco, Princesa tem seu corpo como uma grande ferramenta desconstrutiva ao dizer:

Quero tocar e amplificar as estranhezas que vivem em cada corpo, tornar visíveis corporalmente todas aquelas esquisitices que ao longo da vida aprendemos a esconder. Onde as experiências de monstros se cruzam? E onde se distanciam? Como atualizar juntas nossas formas de perceber-viver um mundo cada vez mais organizado para nos deslegitimar, respondendo esteticamente a ele? (Marinelli, 2020, p.157)

<sup>24</sup> Termo usado para descrever o processo de transformação das *drag* queens, uma *drag* se monta e o conjunto de elementos se torna sua montagem.

Vejo suas performances como ações de ocupação de espaços, Princesa escolhe bem seus palcos, acredito que as dúvidas que ela levanta antes de escolher esses lugares seria: onde o meu corpo não é bem vindo? Onde vejo outras pessoas trans serem excluídas ou expulsas? Onde um corpo como o meu é questionado?

Alguns de seus trabalhos são sim em um palco comum que estamos acostumados, mas Princesa tem vários registros nas ruas e lugares públicos, acho que isso é ótimo para uma performance, esse contato com as diversas criaturas que habitam as ruas das cidades.



Imagem 22: Performance “Não alimente os animais”, (2013), Princesa Ricardo Marinelli. Fotografia de Taciano Brito.

A Princesa Ricardo usa sua performance como instrumento de reflexão para representar a importância da sobrevivência dos corpos trans na sociedade, visto que na atualidade, ainda se mata pessoas LGBTQIAPN+ simplesmente por existirem. Seu trabalho **Não alimente os animais** é descrito por ela como:

[...] uma ação performática que procura tornar visíveis corpos que têm sido escamoteados, escondidos e marginalizados. Princesa é um corpo bizarro de rua, que atua durante o dia. Ela evidencia o tratamento zoológico que é dado aos corpos desobedientes de gênero, em especial travestis e/ou transexuais. O chão, a calçada, a rua, a beleza, a violência, a venda. Tudo converge

para um corpo que não anda, mas rasteja.  
(Marinelli, 2020, p. 162)



Imagem 23: Princesa Ricardo Marinelli (2024). Fotografia de Cibelle Gaidus, publicada no Instagram.

Então, sua performance se trata de uma ação contra a normatividade ou a “mesmice”, caráter que encontramos nessa abordagem “rebelde” da arte, se bem que a arte é bem rebelde mesmo. “Estar criando em arte é desafiar-se a inventar outro mundo. Outros mundos. É um exercício de procurar

espaço e tempo para poder destruir o espaço e o tempo.” (Marinelli, 2020, p.156). Fiquei divididíssimo entre citar a Princesa agora ou deixar para a Fúria quando ela for falar sobre arte *drag*, mas acredito que a existência da Princesa deve ser celebrada mais de uma vez nessa conversa.



Imagem 24: Princesa Ricardo Marinelli (2024). Fotografia autoral publicada no Instagram.

## Lap Marks

Mas é claaaaaro, que o querido ia aparecer né? Não aguenta ficar sem falar de suas próprias performances, nem parece que cria, performa e tem inseguranças. Euzinho, Lap Marks, comecei nas performances a pouquíssimo tempo mas costumo gostar bastante do resultado delas, algumas eu tenho vergonha alheia ao assistir os registros, mas isso tudo acontece por conta do perfeccionismo do meu signo (salve, virginianas).

Vamos começar pelo começo?

**Memórias de Paz e Caos** é a minha primeira performance (coloque o título de primeira performance por ela ter sido meu primeiro trabalho acadêmico e antes disso eu não sabia da existência deste termo, além de ter só dançado KPOP antes) que consigo encontrar puxando na memória, foi em vídeo, lá em 2020 quando entrei para o curso de Dança. Podemos dizer que meu primeiro trabalho foi vídeo dança/ vídeo performance? Hmmmm, acho que podemos! Praticamente, o que muda é a maneira como essa performance chega ao público, uma vídeo performance/dança chega em forma de um registro gravado. Infelizmente não consigo anexar aqui o vídeo, também nem queria, porque só de procurar por ele e assistir alguns segundos já me deu uma dor de barriga. Sou muito chato com minhas criações, vejo que hoje tenho muito mais repertório de movimentos e que o Lap de 2020 praticamente se tremia e chacoalhava no vídeo (nada contra), mas quem sabe eu não recrie esse vídeo algum dia da minha vida? Seria um grande desafio.

Minhas inspirações para criar **Memórias de Paz e Caos**? Os clipes da cantora Sia<sup>25</sup>, envolvendo umas cenas carregadas de significados, elementos fortes e movimentos bem teatrais ou “estranhos”. Os clipes da Sia são bem conhecidos pela dançarina Maddie Ziegler<sup>26</sup> e por seus passos voltados para a dança



Imagem 25: Lap Marks (2023). Fonte: Arquivo pessoal.

<sup>25</sup> Sia é uma cantora, compositora, produtora, diretora, roteirista e dubladora australiana.

<sup>26</sup> Maddie Ziegler é uma dançarina, atriz, modelo, dubladora e autora norte-americana.

contemporânea e clássica. No começo da graduação eu era doido pra dançar igual a Maddie Ziegler, sempre achei lindíssimo, vale a pena pesquisar sobre ela.

E é isso, as músicas da Sia são ótimas, letras lindas sobre momentos de superação, momentos tristes, amor, ódio, e acho lindo como ela transfere isso para as músicas e a Maddie Ziegler dança isso para o videoclipe. Eu podia muito bem recomendar uma música para você ouvir, mas você tá ouvindo as outras que eu tô recomendando? Gosto de reciprocidade, sabe? Vamos então, abra o Spotify ouça/assista **Alive - Sia**<sup>27</sup>. Essa foi a música principal que usei criando o **Memórias de Paz e Caos**, a letra fala sobre você vivenciar um momento muito difícil na sua vida e comemorar/chorar de emoção ao perceber que mesmo depois de tudo isso, você está vivo!

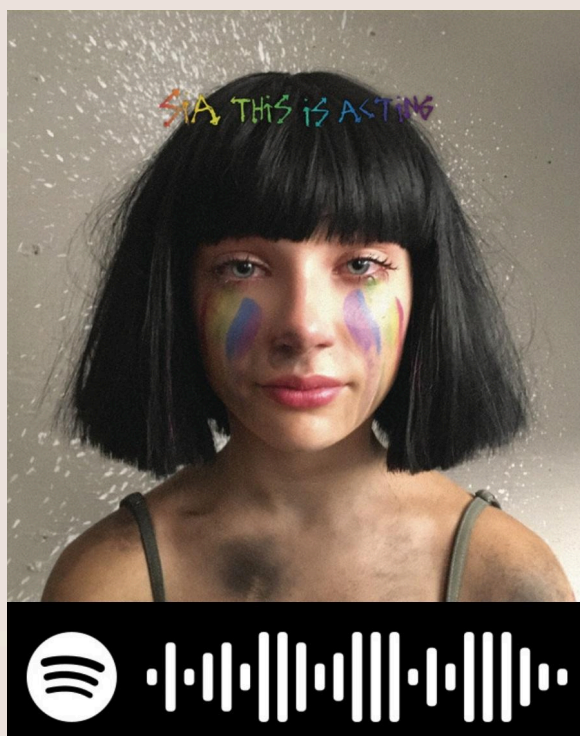


Imagem 26: Spotify. Código Spotify - *Alive*, Sia. 2024. Fonte: Spotify.

Combinou muito com a performance porque eu estava num momento muito difícil na pandemia (eu e o mundo todo), o medo de morrer ou de perder alguém da família era enorme e tudo o que eu queria era sair vivo disso tudo.

---

<sup>27</sup> Recomendação do escritor: Você pode encontrar as músicas que estou usando na escrita pesquisando pelo nome delas ou usando o Spotify. É só abrir o aplicativo, ir em Buscar, usar a ferramenta da Câmera e escanear o código com a imagem acima.

A próxima querida performance é uma das que eu tenho mais orgulho (se não eu nem ia colocar aqui), vem pra conversa: Soltar das Amarras! (Imagina que tem gente aplaudindo).



Imagem 27: Performance “Soltar das Amarras” (2022), Lap Marks. Fotografia de José Ricardo.

**Soltar das Amarras** foi uma performance da disciplina de dança clássica, pesquisando os movimentos dessa disciplina, onde eu vivia com dor porque é isso que acontece com um dançarino de balé clássico (eita como generaliza). Mas isso foi ótimo para as pesquisas para a criação dessa performance, a proposta era misturar dança e performance para contar o que ficou marcado no seu corpo ao decorrer do semestre. A disciplina foi ministrada por Alex Rosa, que é doutore professor e uma pessoa incrível, fez tudo ser mais leve e gostoso de estudar. Chorei muito

nessa disciplina por termos cutucado nossas feridas mais internas em busca de nossas reais essências, enfim, foi importantíssimo para o resultado final onde criei uma pequena história de um boneco dançarino para ser o norte da performance:

“Em uma penumbra sonora vivia um boneco dançante que se dedicava muito à sua dança, ele dançava em busca da perfeição mesmo extremamente cansado e ferido. Seu maior sonho era arrancar suspiros de todos que fossem assistir sua dança. Um dia, uma borboleta noturna que sempre assistia os ensaios do boneco, vendo o desespero virar lágrimas no rosto cansado do dançarino decidiu fazer alguma coisa. Ela se aproximou, se prendeu forte na venda dos olhos do boneco e ergueu voo, retirando a venda do rosto e trazendo de volta sua visão.

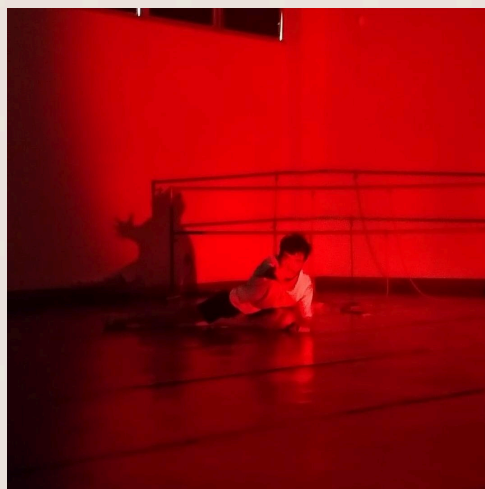


Imagem 28: Performance “Soltar das Amarras” (2022), Lap Marks. Fotografia de José Ricardo.

O boneco não se lembrava da última vez que havia enxergado, só se lembrava que sua venda era apenas uma proteção, pois imaginava que a escuridão iria roubar toda sua visão. Quando o boneco conseguiu focar sua visão ao seu redor, enxergou as cordas que o controlavam vindo de longe na escuridão, então

percebeu que passou toda a sua vida sendo manipulado e controlado por alguém que não conhecia. Ele não conseguia gritar o tamanho de sua decepção e raiva da situação, então se desamarrou das cordas e começou a dançar desesperadamente uma dança que era totalmente contrária do que estava acostumado, só queria fugir de sua antiga dança e nunca mais voltar. Dançou tanto, tanto, tanto, que suas juntas doloridas gemiam em desespero, sua pele cheia de machucados suaviza sua tristeza, seus músculos sentiam que iam explodir. Foi então que o boneco começou a atrofiar, perder seus movimentos, até o momento onde ele virou uma estátua tão rígida que destruiu tudo o que tentava movê-lo.

Então, a dança do boneco dançante se tornou apenas interna, onde ele festejava sempre sem dores e sem limitações, onde encontrou seu corpo ideal e dançou para toda a eternidade. Pois agora, sua dança é da alma e sua alma não tem barreiras.”<sup>28</sup>

Em relação a música escolhida, **Happier Than Ever - Billie Eilish**<sup>29</sup>, essa música é muuuuuuito boaaaaaa, incrível como ela desenvolve os dois momentos ao longo da composição.

A cantora relata um relacionamento tóxico (o que casa com o relacionamento do boneco dançante e quem segura suas cordas), onde ela surta dizendo que esperava tanto do seu parceiro mas ele infelizmente não ligava para ela. Assim como a performance, a música passa por um começo calmo e acaba com um grande êxtase de movimentos onde quis passar o máximo dos sentimentos desprezo, raiva, desapontamento, desejo de vingança e etc.

Usei um lenço como venda, amarrei cordas ao meu corpo e à barra da sala de dança e no meu corpo tinha vários curativos simbolizando as feridas que a exaustão proporciona. Foi uma experiência curiosa dançar vendado, já tinha feito coisas parecidas, costumo dançar muito na minha casa onde os cômodos viram palco quando transformo eles num breu completo, me sinto mais livre para criar e ensaiar no escuro, acho até mais fácil me imaginar na hora da apresentação com esse escuro total. Um dos esboços dessa performance saiu numa aula onde

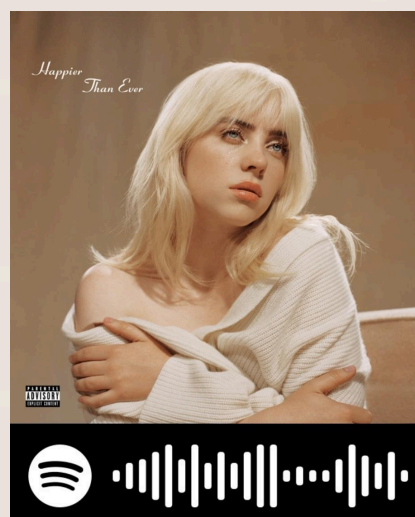


Imagem 29: Spotify. Código Spotify - *Happier Than Ever*, Billie Eilish. 2024. Fonte: Spotify.

<sup>28</sup> História criada para a disciplina de Introdução à Dança Clássica.

<sup>29</sup> Recomendação do escritor: Você pode encontrar as músicas que estou usando na escrita pesquisando pelo nome delas ou usando o Spotify. É só abrir o aplicativo, ir em Buscar, usar a ferramenta da Câmera e escanear o código com a imagem acima.

estávamos explorando nossas histórias e movimentações, me vendei com a ajuda de Alex e fiz uma pequena sequência de movimentos e então, nasceu as primeiras ideias da performance.

Acho que é isso o que eu tinha para dizer sobre essa performance, gosto muito dela, foi muito importante para meu desenvolvimento no assunto, guardo as recordações hoje e não mudaria nada nessa performance (por incrível que pareça o lado virginiano não ataca tanto nessa hora). Vamos para a próxima performance?

Ana Reis (minha orientadora) acabou de falar aqui no meu ponto eletrônico e cortou todas as 72 performances que iríamos falar hoje. É BRINCADEIRA. Eu gosto do número 3 e foi com muita dor no coração que optei por deixar essa conversa menos densa, espero que esses trabalhos façam você entender essa grande loucura. Nossa próxima performance é : ...uma performance sem nome?

Pasmem, eu não dei nome para uma das performances mais lindas que já fiz, gostaram? Mas hoje, se eu pudesse nomear, seria algo em volta de **Entre Agulhas e Linhas de Costura**. Uma performance sobre ancestralidades, memórias, conhecimentos e afeto.



Fomos instigados a pesquisar sobre nossas raízes, nosso passado e o que aprendemos com pessoas importantes da nossa família, eu escolhi minha mãe para a base das pesquisas. Minha mãe é carinhosa, atenciosa, sempre cuidou muito bem de mim. Foi meu primeiro trabalho no curso de dança que minha mãe foi assistir, antes disso eu passava horas mostrando músicas, vídeos, apresentações e explicando tudo para ela, foi uma preparação para ela conseguir me assistir e entender tudo. Ela mesmo diz isso, que demorou mas criou coragem para abrir a mente e aprender sobre o que eu estava estudando e vivendo.

Como eu trouxe minha mãe para essa performance? Três pilares são importantes para falar disso:

Costura: desde que nasci até meus 13/14 anos, meus pais costuravam em casa, então eu os via bastante e tinha mais momentos ao lado deles. O barulho das

máquinas, o calor da sala, ver meus pais saindo exaustos de um lugar fechado depois de horas sentados e todo esse esforço para não faltar nada em casa. Tudo isso foi marcante para mim.

Comida: minha mãe sempre demonstrou seu amor através da comida, cozinhar era seu gesto de afeto. Sou apaixonado pela comida dela, vejo que sempre tem uma atenção especial em cada detalhe, quero cozinhar bem igual ela. Meus amigos vem nos visitar e ela faz questão de alimentar todo mundo, com o tempo as coisas apertam e precisamos pedir algumas ajudas, pois os amigos são muitos, mas o gesto de preparar algo com carinho é único e essencial. Religião: minha mãe já tentou me levar para a igreja milhares de vezes, vou pouquíssimas, a igreja para uma pessoa LGBTQIAPN+ é um lugar assustador. Mas eu invejo a fé da minha mãe, pra ela nada é impossível, essa fé me abençoa e eu sinto quando ela tem orado por mim. Muitas vezes eu senti uma força muito grande me ajudando em algo, me fazendo desviar de um grande risco ou me incentivando a dar o próximo passo.

Me emociono muito falando da minha mãe. Nessa performance, começo na



Imagem 31: Lap Marks (2023). Fotografia de Carlos Gabriel.

plateia, saio correndo para o palco chorando desesperadamente, interpretando um momento onde estou atrasado e aflito. Me sento no palco, uma amiga me trás uma coberta que foi presente da minha mãe, me enrolo nessa coberta e começo a dançar lentamente. Em um momento choro bastante, pego no bolso um terço (objeto com uma cruz usado para rezar) e faço o símbolo da cruz em mim. Me recolho outra vez, cobrindo o corpo e deitando para dormir, a performance se

encerra.

A coberta é o abraço da minha mãe quando estou aflito, o carinho dela quando mais preciso. Uma vez nos ensaios, citei que sentia a mão dela segurando a

minha nos meus momentos de medo e isso me ajudava a ter coragem novamente, representei isso com o terço ao unir as duas mãos com ele envolta.

Segurava às vezes a cobertura como se guardasse um bebê, representando uma mãe ou um pai, ou alguém responsável por uma vida sensível e inocente.

Acho isso lindo na performance, trazer assuntos fortes e importantes, momentos especiais, emocionar e ser emocionado com suas criações. Para encerrar essa performance, queria muito que você ouvisse a música que usei para ela, ela é meio grande em comparação ao tamanho comum das músicas, tem seus oito minutos (usei no máximo uns três). Mas vale a pena, aproveite, descanse ao som dela para o próximo ato da conversa. **Spiegel im spiegel - Arvo Pärt, Angèle Dubeau, La Pietà**<sup>30</sup>



Imagem 32: Spotify. Código Spotify - *Spiegel im Spiegel*, Arvo Pärt, Angèle Dubeau, La Pietà. 2024. Fonte: Spotify.

<sup>30</sup> Recomendação do escritor: Você pode encontrar as músicas que estou usando na escrita pesquisando pelo nome delas ou usando o Spotify. É só abrir o aplicativo, ir em Buscar, usar a ferramenta da Câmera e escanear o código com a imagem acima.

🔒 Conversa não indicada para quem não tem senso de humor, não nos responsabilizamos por más interpretações



**Fúria Virtuosa**



Ato 3 🧡 - Fúria Virtuosa, uma drag muito famosa

20:27

*Fúria Virtuosa está digitando...*

Fúria Virtuosa disse:

Oi oi furiosas! Eu sou a Fúria Virtuosa, uma *drag* muito famosa (ou um dia vou ser). Menina que trajetória hein, que coragem ter chegado até aqui depois de tanta confusão ao longo dessa conversa. Mas pelo visto você está ainda interessado na gente, coragem. Vamos chegar na parte chique do papo? Qual é o poder da performance de uma *drag* queen?

Já no começo vamos deixar algumas palavrinhas na mente: **Drag, Queen, King, Transformista, Dublagem e Queer**. Rápida explicação:

**Drag:** arte, usado para identificar pessoas que se transformam utilizando o gênero com a ajuda de figurinos, maquiagens e atuação, entretenimento.

**Queen:** Rainha em inglês, na arte *drag*, usado para identificar uma figura mais feminina.

**King:** Rei em inglês, na arte *drag*, usado para identificar uma figura mais masculina.

**Transformista:** Artista que transforma sua aparência no intuito de gerar entretenimento ao imitar celebridades, ícones ou até mesmo uma personagem.

**Dublagem:** ato de performar uma música ou voz com o corpo, em específico, os lábios. Sincronizar os lábios com a música/voz que está sendo reproduzida para interpretar.

**Queer:** Diferente/estranho em inglês, usado para representar pessoas que não se sentem incluídas na heterossexualidade ou cisgeneridade.

Senti a necessidade de explicar rapidinho e aleatoriamente essas palavras porque vão aparecer mais vezes ao longo da nossa conversa. Claro, vou tentar explicar melhor do que duas linhas, mas também vai me ajudar a ter um norte.

Quando lemos sobre as origens e a história da arte *drag*, encontramos menções a arte de se transformar bem antes do que imaginamos. Eu mesma não imaginava que nos antigos teatros religiosos:

Por seu caráter altamente patriarcal, a igreja nunca teria permitido que as mulheres atuassem em funções diretas em suas atividades. Desse modo, as poucas personagens femininas que tinham em suas narrativas teatrais eram

interpretadas por rapazes ainda adolescentes.  
(Thürler, Azvdo, 2019, p. 224)

Esses dois autores também trazem que “mesmo que não houvesse lei impedindo ou proibindo a aparição de mulheres no palco” (Thürler, Azvdo, 2019, p. 224) esses papéis eram escassos e, curiosamente, interpretados por homens. É curioso ver como na época citada, a imagem do feminino nos palcos era tão diminuída, quando tinham personagens femininos, eram poucos os momentos em cena e acredito que bem menosprezados ou resumidos à aparições pouco relevantes na dramaturgia.

Mas na atualidade, interpretar uma figura feminina ganhou mais visibilidade por conta das *drag queens*, “já alcançavam o rádio, a televisão e o cinema, [...] é na década de 90 que a cultura *drag* atinge o *mainstream*, sendo retratada no aclamado filme ‘Priscilla: a rainha do deserto’” (Thürler, Azvdo, 2029, p. 227).

Explicar arte *drag* é tão complexo quanto explicar a ação da performance, pois são expressões artísticas que são muito parecidas com a vida e a vida é um grande desentendimento seguido de descobertas uma atrás da outra. Então “A performance *drag* não é algo rígido e mecanizado, pois é feito no encontro da artista com a arte [...]” (Flauzino, Zamboni, 2021, p. 279). Ou seja, quando o artista se encontra com sua criação, é aí que começa sua existência sendo sujeita a grandes transformações, nesse caso, à uma grande arte transformista.

Munidas de um leque enorme de possibilidades, os artistas *drag* carregam consigo um grande potencial de surpreender o público ao se criar e recriar diversas vezes. Um artista *drag* não tem apenas um rosto ou um estilo de se vestir, podemos trazer uma pluralidade imensa de corpos e personalidades:

Existem infinitas modalidades e estilos que as *drags* manejam, brincam, criam, transformam e adotam, e em cada um deles há uma rica articulação, exploração e produção de diferentes linhas que permeiam suas existências. (Flauzino, Zamboni, 2021, p. 280)

Nessa arte, não se diz que *drag* é uma personagem e sim uma persona. Quando se é transformista, pode ser que você se transforme em um personagem, sei lá, na Elsa do filme *Frozen*, no Willy Wonka da Fantástica Fábrica de Chocolate

ou em uma celebridade como Beyoncé<sup>31</sup> e Ariana Grande. Esses personagens qualquer um pode interpretar, no caso da persona *drag* é diferente, só você pode interpretar sua *drag* assim também valendo para que você não possa interpretar a *drag* de outra pessoa. Pois a partir do momento que você se monta exatamente igual outra *drag*, NO MÁXIMO, você vai ser acusado de imitar e não valorizado. Como assim? Assim que, só o criador daquela persona pode interpretar exatamente como ela é, ninguém mais é Fúria Virtuosa além de mim. Sobre isso:

O processo de construção da identidade de uma *drag queen* é, portanto diretamente relacionado a questões pertinentes à construção social dos gêneros, tensionando a normatividade hegemônica na construção identitária dos sujeitos sociais. Além da preocupação estética, outra característica que complementa a identidade de uma *drag queen* é a performance. (Moraes, Vecchia, Berbereia, 2018, p. 4)

Então, essa performance *drag* é totalmente voltada para os ideais e características da personalidade dessa persona que foram escolhidas em sua criação, melhor dizendo, a performance *drag* vai transmitir tudo aquilo que ela é e tem para oferecer. Um artista *drag* do humor, vai ser uma pessoa engraçada e que sempre vai buscar trazer essa vertente para suas performances, podendo inovar aqui e ali, mas sempre buscando a felicidade e as risadas do público. Falando sobre isso, é bem interessante passar rapidamente sobre uma questão que eu adoro na arte *drag*. *Drags* tem uma grande facilidade com a quebra da expectativa, mas o que seria isso? Um exemplo:



Imagem 33: Rita von Hunty (2024). Fotografia autoral publicada no Instagram.

Rita Von Hunty é uma *drag queen*, sua aparência é muito inspirada em donas de casa daqueles filmes bem característicos dos anos 50 e 60. Muitas vezes, sua personalidade pode ser estereotipada por imaginarmos que ela vai servir chá e falar de forma elegante e

<sup>31</sup> Cantora, compositora, atriz, modelo, dançarina, empresária, estilista, produtora, diretora e roteirista americana.

sofisticada, defendendo os bons costumes e o conservadorismo. Muito pelo contrário, Rita Von Hunty grava vídeos para o Youtube falando sobre assuntos ligados à história, filosofia e sociologia e dá aulas na plataforma sobre socialismo, gênero, sexualidade, política e outros tantos assuntos.

Consegue imaginar? É como se víssemos uma princesa super conhecida como, por exemplo, a Branca de Neve e ao invés de esperar a mesma história de ser salva por um príncipe, ela na verdade fosse contada de uma maneira diferente, trazendo a Branca de Neve como uma cantora pop de cabelo colorido e que faz uma turnê mundial.

Vamos tentar pensar em uma passo a passo nada rígido de como cria-se uma *drag*? Lembrando duas coisas importantes: vou sempre me referir bem mais a *drag queens* e bem menos a *drag kings*, mas queria deixar avisado que são duas criações andando lado a lado, espero que entenda. Yotra<sup>32</sup>, é um passo a passo de como eu, Fúria Virtuosa, fui criada, em momento algum digo que essa é a fórmula mágica e que você deve segui-la à risca.

---

<sup>32</sup> Yotra é uma gíria, é o som e significado de dizer “e outra”, podendo ser trocado por “e mais” ou “outra coisa”.

## Step<sup>33</sup> 1: Personalidade

Eu carrego muito da personalidade do Lap, somos tímidos e meigos até mesmo numa roda de amigos, mas nos sentimos bem mais confortáveis performando em um palco. Sou a irmã dele que o ajuda nos seus medos mais profundos, ele me chama às vezes de “salvadora”. Gosto de exalar os traços de uma pessoa amiga e confiável, aquela pessoa que você encontra em uma festa ou evento e que rapidamente você sente uma energia boa e que pode confiar nela. Arrisco dizer que sou imã de desabafos e gosto disso, meu sobrenome Virtuosa vem um pouco disso, de ser aquela pessoa que vai ter algo importante e sábio para te dizer.

Mas como nós *drags* somos figuras voltadas para o entretenimento e contato com as pessoas (falando assim parece que somos todas palhaças né, abraço para os palhaços), essa personalidade *drag* acaba sendo jogada lá para o alto. Um traço de personalidade, em uma *drag*, é multiplicado por cem para ser marcante e:

[...] toda a estética *drag* é pensada de forma exacerbada, o que não configura a normatividade das vestes de uma mulher no cotidiano. Apesar de muitas vezes projetar uma imagem de feminilidade, a metamorfose artística da *drag* nos conduz a imaginar o corpo humano como uma tela em branco. (Moraes, Vecchia, Berbereia, 2018, p. 4)

Pensando nessa característica *drag* de intensidade, estou evoluindo com o tempo para acompanhar essa performance de identidade. Deixo para ser quietinha quando não sou necessariamente o foco, no palco busco me desenvolver sendo carismática e expressiva. Ao me comunicar, me baseio na elegância e humor das cantoras e atrizes como Olivia Newton-John e Ariana Grande, são fofas e parecem anjos ao falar, graciosas e sempre sorridentes.

A existência da *drag* é extremamente voltada para as discussões de gênero, pois esses corpos exploram as nuances e provocam a existência dos padrões ou rótulos. Nossos corpos *drag* pegam suas identidades e buscam quebrar barreiras de gênero que são impostas ao longo do tempo, o autor Rodrigo Souza Silva defende que:

---

<sup>33</sup> Step é uma palavra em inglês que significa “passo” ou “etapa”.

Drag queens devoram todo o estereótipo de homens e mulheres e transformam seus corpos em algo que não está em nenhum dos pólos, não permanecem o mesmo e nem são iguais ao modelo. São formas efêmeras, que se transfiguram em outras nas montagens seguintes. (Souza, 2015, p. 23)

Isso é arte, arte na sua existência mais linda: a desconstrutiva. Arte é repensar e recriar. Repensar nossa existência é arte. Quando se fala de arte de corpos *queer*, essas discussões sobre “o que é gênero?” costumam aparecer muito.



Imagem 34: “O que significa, Por que preciso de um, Qual o meu GÊNERO?” (2023), Lap Marks. Fonte: Arquivo pessoal.

Falando nessa pergunta “o que é gênero?”, vejo a oportunidade especial de citar nosso querido Lap Marks novamente na conversa com sua fotoperformance: **O que significa, Por que preciso de um, Qual o meu GÊNERO?**

Aqui vemos o sem vergonha discutindo seu gênero ao se relacionar com o lado “colorido” (seu lado feminino) e seu lado “sem cor” (seu lado masculino). Conversando aqui com ele, o autor me diz que seu lado masculino o limita, enquanto seu lado feminino o assusta, tornando-se uma grande guerra. Traçando uma censura no mamilo do lado feminino e mostrando seu lado masculino apagando sua maquiagem, essa criação de Lap Marks mostra um pouco como podemos discutir gênero em uma performance, ou melhor, fotoperformance.

Ué, do nada fotoperformance? Mas o que seria isso? Vou passar rapidinho por isso. O Yuri Martins vai falar sobre fotoperformance como:

[...] uma proposta autônoma de arte. Nasce a partir do encontro da fotografia com a performance, mas é constituída como um universo único e exclusivo. Um universo que combina a estaticidade da fotografia com a fluência da ação performática, originando uma obra de arte que será o seu próprio fim em um momento posterior ao da ação. (Martins, 2023, p.82)

Trouxe a fotoperformance rapidamente só agora pois achei importante usar esse trabalho do Lap como exemplo. Lap Marks traz essa fotoperformance para a discussão mas o mais interessante é que tempos depois ela se torna uma performance, onde as intenções do autor foram transferidas para uma dublagem da música: ***I Will Survive* - Gloria Gaynor**.<sup>34</sup>

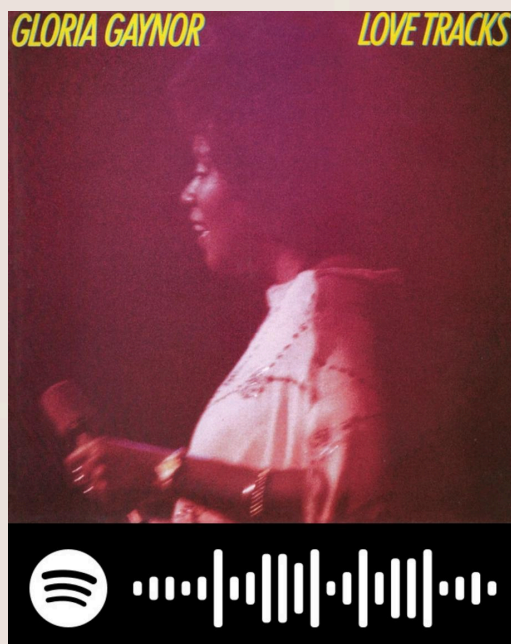


Imagem 35: Spotify. Código Spotify - *I Will Survive*, Gloria Gaynor. 2024. Fonte: Spotify.

Essa música é um ícone da comunidade LGBTQIAPN+, pior que ela nem tem uma tradução tão ligada com a causa, porém fala muito sobre amores passados, liberdade e amor próprio. Mas o propósito aqui é falar sobre essa performance que, por incrível que pareça, foram os primeiros sinais da minha existência (por conta dessa performance, eu e Lap fomos atrás de saber mais sobre dublagem).

---

<sup>34</sup> Recomendação do escritor: Você pode encontrar as músicas que estou usando na escrita pesquisando pelo nome delas ou usando o Spotify. É só abrir o aplicativo, ir em Buscar, usar a ferramenta da Câmera e escanear o código com a imagem acima.

Essa performance aconteceu como trabalho final da disciplina de Processos Criativos 1 no curso de dança, a proposta era dar vida as nossas fotoperformances já criadas. Lap pegou uma saia (de mamãe), uma calça jeans, fez uma maquiagem pela metade (igual na da fotoperformance) e ao longo da música ele foi retocando a maquiagem e vestindo as roupas. No final de tudo, ele escreve (com uma letrinha muito feia) o título da fotoperformance no espaço em branco dela impressa, ficando assim:



Imagem 36: Lap Marks (2023). Fotografia de Andreyana Alves.

## Step 2: Estética Drag

Arrisco dizer que a estética de uma *drag queen* é a parte mais demorada e trabalhosa, pois é uma construção que leva tempo e às vezes você mal conclui sua estética, deixa em aberto mesmo. *Drag queens* continuam sendo artistas, somos mutáveis e difíceis de viver em caixas ou bolhas. Eu mesma ainda estou construindo essa estética, visto que preciso ser versátil para o mercado de trabalho e ser fiel às coisas que amo fazer. Porém, é mais fácil pensarmos em estética *drag* como uma extensão de quem carregamos por dentro. Pessoas importantes, inspirações, coisas que vimos uma vez na vida e gritamos fortemente que nos representa:

A performance também está no cotidiano, nos materiais selecionados para roupas e maquiagens, nas fotografias publicadas nas redes sociais, nos vídeos gravados, no modo de falar e andar entre o público em uma festa, nos movimentos das mãos, nos olhares, nas maneiras de perceber e manipular o próprio corpo na relação com os outros e consigo, e em tantos outros contextos. (Flauzino, Zamboni, 2021, p. 279)



Imagem 37 e 38: Ariana Grande (2024). Fotografias autorais publicadas no Instagram.

Assim nasce nosso comportamento como *drag*, inspirado em coisas que amamos ver/fazer. Eu sou uma *drag* que adora dublagem, interpretar me chama bem mais a atenção do que ser uma *drag*

de passarela (aquelas *drags* belíssimas que desfilam e entregam muita beleza por prêmios ou desfiles) ou ser uma *drag* da comédia (sou bem sem graça, faço cada piada ruim).

Falar de estética me faz pensar em aparência, admito que eu ainda não me visto 100% como quero, o dia que eu for muito famosa aí sim contrato um estilista

para fazer minhas roupinhas. Por enquanto, vou me inspirando em vestidos longos e décadas como os anos 50, 60 e 70, também pensando em um ar mais jovial. A Ariana Grande vai ser sempre uma “grande” inspiração para mim, amo seu ar de leveza ao ser uma pessoa tímida e meiga porém extremamente potente em suas produções. E como incluir esses estilos que gostamos em uma performance *drag*?



Imagem 39: Olivia Newton-John (1980). Fotografia autoral publicada no Instagram.

Bom, tudo isso deve fazer sentido pensando nas movimentações e intenções da performance, não é mesmo? Ninguém aqui quer usar uma peruca enorme num momento que precisamos de leveza e grande amplitude de movimentos, não é? (tem *drags* que sim né, mas isso daí é raríssimo e eu deixo para elas mesmo). Eu confesso que sou ainda meio desastrada, então o Rodrigo Souza Silva (2015, p.44) vai ajudar dizendo:



Imagem 40: Ariana Grande (2024). Fotografia autoral publicada no Instagram.

Além dessa recombinação de elementos, que podem ter quaisquer origens, desde novelas, filmes, desfiles de moda, comprados em viagens ou serem produtos locais, o que importa é a transitoriedade, uma vez que esses vários elementos devem funcionar idealmente para uma só ocasião. (Souza, 2015, p. 44)

Então, acabamos pensando bem mais no que é funcional, depende bastante da situação que você quer se meter, uma *drag* engraçada quer usar uma roupa que lhe faça ser o centro das atenções e ouvir comentários como “oh meu Deus, olha o tamanho dos seios dela!”. Enquanto a *drag* “estranha” quer também ser o centro quando olham para ela e fala “uau, ela parece que saiu de algum anime ou filme de ficção”. Já a Fúria Virtuosa, a *drag* da dublagem de músicas calmas ou mais emotivas e reflexivas, a *drag* performática, quer ser conhecida como a “responsável” do evento, aquela que mostra ser mais “virtuosa” ou a *drag* que a qualquer momento você pode tirar uma foto com ela.

### Step 3: Nome

Essa parte é difícil viu, mas se você conseguir chegar até aqui seguindo essa linda receitinha de bolo que estou te passando, até viro sua mãe *drag*. O que é mãe *drag*? Mães *drags* são aquelas que acolhem *drags* novas e ajudam com seus primeiros movimentos nesse mundão de perucas e saltos altos. Mas não é obrigatório ter mãe *drag*, eu mesma digo que adotaria mais para incentivar mesmo, sou muito nova para ser mãe!

Quem é minha mãe *drag*? Se eu te contar que minha mãe de sangue ocupa esse cargo, você acredita? Minha mãe, Dona Marlene (para mim) e Tia Marlene para os meus amigos, é quem mais me ajuda pintando unhas postiças, acertando o tom da base e escovando peruca. Deixa eu te mostrar:



Imagem 41 e 42: Fúria Virtuosa (2024). Fotografias de José Ricardo.

Ela é meu mundo. Não vou me estender muito porque vou chorar igual o Lap falando da performance que ele fez para ela, mas eu não sei onde estaria na arte *drag* se não fosse minha mãe. Infelizmente, meu nome não tem ligação nenhuma com minha mãe, mas me inspiro muito no jeito dela para performar.

Mas por que eu só fui citar o nome agora? O Nome não deveria ser a primeira coisa? É babado<sup>35</sup> botar uma ordem na criação de uma *drag*, viu? Às vezes pode parecer que é uma momento só que vai fazer surgir uma persona completa, mas:



Imagem 43: Fúria Virtuosa (2024). Fotografia de Rafael Lima.

Ao mesmo tempo, é difícil afirmar onde exatamente começa e onde termina o processo de se montar. O início é na escolha do nome? No planejamento, compra e costura das roupas? É quando a maquiagem começa a ser feita antes de algum show ou aparição? Talvez todas essas alternativas. (Flauzino, Zamboni, 2021, p. 279)

Você deve começar por onde sentir melhor. A origem do meu nome é engraçada, vou resumir bem resumidinho, basicamente é uma expressão usada por uma personagem muito querida para mim, uma vez comecei a repetir essa expressão para meus amigos e começaram a usar também. Sim, Fúria Virtuosa é bem diferente (ou pelo menos eu acho), não é uma nome e sobrenome, Fúria é um sentimento ou estado emocional, Virtuosa é um adjetivo, como surge um nome assim? Simples, Fúria Virtuosa era essa expressão que a personagem usava, comecei sendo chamada de “furiosa” mas usava o nome completo como nome dos jogos que jogava com meus amigos. Então eu criei afeto com esse nome, seria muito difícil para mim criar um nome do zero, teria a grande possibilidade de um nome sem afeto ser facilmente enjoativo e nada representativo para mim.

Então, todos os dias defendendo esse nome. Já falaram que não tem relação alguma comigo pois quem ouve “Fúria Virtuosa” imagina uma pessoa arrebatando a porta de entrada com o pé e sendo a estrela da noite. Fúria Virtuosa não é isso, Fúria é o estado de uma alma que sempre foi reprimida mas agora não aceita mais tanta opressão, é a loucura de ir com medo mesmo, ir sem saber o caminho. Virtuosa é a sabedoria de se amar e de se enxergar como um ser humano que merece sim um mundo melhor para existir.

<sup>35</sup> Gíria para “difícil”, “tenso”, “complicado”, ou, em uma intenção mais animada, pode significar que uma coisa é “boa”, “forte” e “maravilhosa”. Exemplo: o babado é forte! Babado foi usado para representar uma fofoca ou algo difícil de acreditar.

## Meu lugar no mundo

Esse não é bem o último passo, mas também é um momento de reflexão dessa arte. Você precisa ser uma *drag* posicionada e que enxergue que seu corpo é parte de um grande movimento político:



Imagem 44: Fúria Virtuosa (2024). Fotografia de Cabaré das Divas.

Quando penso na realidade que vivemos continuo sentindo o cheiro de sangue das minhas amigas assassinadas, sinto a garganta embargar pensando nas vezes que estive no hospital com um amigo espancado, respiro fundo recuperando o fôlego como nas diversas vezes que corri na rua com medo de apanhar. Ou morrer. Ou ser estupradx. Lembro das vezes que sofri diversas violências caladx, achando que eu é que era a erradx, imersx numa estrutura estatal com dispositivos cuidadosamente pensados para garantir que eu me sentisse assim. (Marinelli, 2020, p. 174)

Enxergar seu corpo como potência de criação e que não existe outra pessoa no mundo que vai defender 100% das coisas que você julgar ser certo e que esse lugar é seu, é o passo mais importante nessa jornada.

“Ai mas eu não quero ser a *drag* feia.” Não vai.

“Ai mais tem tanta *drag* que faz o mesmo que eu e ainda melhor” Não tem.

“Ai mas e se não der certo” Vai dar certo sim.

No momento em que você enxerga que só você sabe fazer o que você faz, sua mente explode (calma, do jeito bom), ela expande.

As drags tem muito mais propriedade sobre um salto do que muitas mulheres e as pessoas ficam furiosas com isso, pois reduz o gesto ao seu alcance real: o gesto nada mais é do que um gesto. Aprender e desejar repetir um gesto não depende da existência dos atributos biológicos que a sociedade heteronormativa estabeleceu como correspondência necessária para a existência dos gêneros. (Nascimento, 2018, p. 423)

Meu amor, se não for você, vai ser quem?

Eu mesma quero continuar sendo uma *drag* da performance, ajudar os meninos (Reinaldo e Lap) a superarem seus medos e inseguranças e quero continuar sendo uma pesquisadora da arte *drag* e transformista porque enxergo tanta potência nesse cenário, espero demais que essa conversa toda tenha feito você enxergar isso.



Imagem 45: Fúria Virtuosa (2024). Fotografia de Cabaré das Divas.

Fiz um trabalho que amo de paixão no Cabaré das Divas, um espetáculo *drag* maravilhoso. É sobre agarrar essas oportunidades e fazer bonito se dedicando ao máximo. Tive a oportunidade de interpretar da maneira que mais gosto: trazendo sentimentos e emoções fortes e sensíveis como a dor, tristeza, raiva, indignação. Era um sonho, acredito que a maioria das *drags* novinhas de Goiânia sonham com uma oportunidade assim, em um espaço que a muito tempo tem a fama de ser um grande valorizador da arte *drag*. Porque no final é isso, queremos ser valorizadas.

Por incrível que pareça, só digo essas coisas “motivacionais” porque uma vez disseram para mim. Eu já tive muita ajuda nesse universo, ainda preciso de uma rede de apoio assim como todo mundo precisa, não pense que você vai fazer algo sozinha. Mas você precisa tentar! Você precisa ir! É disso que eu tento me convencer sempre que me encontro de frente a um desafio. Ser *drag* não é fácil, mas tem sido muito gratificante para mim. Lutar por minhas causas me faz bem.



Imagem 46: Fúria Virtuosa (2024). Fotografia de Cabaré das Divas.

Dublar me faz bem. Me jogar no chão enquanto interpreto uma música que parece que vou vomitar meu coração me faz MUUUUITO BEM.

Então, essa sou eu. Eu sou Fúria Virtuosa!



Imagem 47: Fúria Virtuosa (2024). Fotografia de Kinho King.

Essa foto é importantíssima para mim, nela, estou na parada LGBTQIAPN+ de Goiânia, um evento político e importantíssimo para a comunidade. Foi uma honra. Posso encerrar essa parte com uma musiquinha já que tem tempo que não recomendo nenhuma? A escolhida da vez é uma música que eu costumo ouvir para me imaginar como uma faísca que começa um incêndio ou uma gota de uma chuva intensa.

## Super - Jão<sup>36</sup>

Mania de grandeza num corpo pequeno  
Me vejo longe daqui  
Mãe, não é surpresa, se eu não saio agora  
Eu nunca mais vou conseguir  
[...]  
O campo não queima, sem uma faísca  
E eu tenho um incêndio em mim  
[...]  
Eu vejo as luzes, vejo as ruas  
Eu tenho um sonho imortal  
[...]  
Super, super, super



Imagem 48: Spotify. Código Spotify - Super, Jão. 2024. Fonte: Spotify.

---

<sup>36</sup> Recomendação do escritor: Você pode encontrar as músicas que estou usando na escrita pesquisando pelo nome delas ou usando o Spotify. É só abrir o aplicativo, ir em Buscar, usar a ferramenta da Câmera e escanear o código com a imagem acima.

**Tudo que começa, acaba.**

**Supernova - João<sup>37</sup>**

Dança na minha órbita, me pede pra ficar  
Eu quero você do jeito que você quiser mostrar, ah  
Eu sou seu, me bebe em quantidades quânticas  
O universo expande pra me levar longe da sua casa, ah

Se perguntar por mim  
Espera o céu da madrugada  
Tudo que começa acaba  
Eu vou estar ali, colidindo com as estrelas  
Chorando a morte delas  
Faço o tempo parar

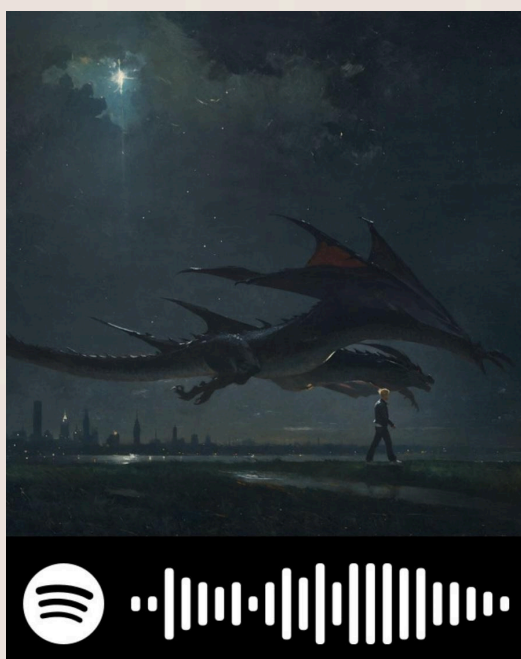


Imagem 49: Spotify. Código Spotify - Supernova, João. 2024. Fonte: Spotify.

---

<sup>37</sup> Recomendação do escritor: Você pode encontrar as músicas que estou usando na escrita pesquisando pelo nome delas ou usando o Spotify. É só abrir o aplicativo, ir em Buscar, usar a ferramenta da Câmera e escanear o código com a imagem acima.

*Reinaldo Ribeiro está digitando...*

Reinaldo Ribeiro disse:

Oi, então, jogaram a bomba da conclusão na minha mão. Eu sou claramente o mais difícil com términos e despedidas mas o Lap me ensinou que amar é deixar ir (credo, que clichê). Concluir alguma coisa é sempre difícil, a gente se apega e não sabemos digerir bem o fim, ser humano tem dessas de achar que o fim é o fim do mundo. Esse pode ser o início de algo maior.

Enquanto eu, Lap e Fúria estávamos escrevendo tudo isso que você acabou de ler, pode ter certeza que teve muita briga, muita risada, muitos momentos em que escrevemos de peruca e sombra no olho. Nessa escrita, vi necessidade de visitar quem eu sou e quem são essas vozes da minha cabeça que me fizeram chegar nesse tema, aceitar foi essencial para a fluidez de tudo, sozinho acho que não conseguiria.

Foram muitos gritos, muito desespero, meu medo de fracassar era enorme. Meus ombros pesam porque às vezes sinto que carrego o mundo neles, totalmente sem sentido porque não sou dono do mundo, não preciso carregar ele. Me cobro, sou perfeccionista, pode ter certeza que eu pensei e repensei cada detalhe desse trabalho no mínimo umas mil vezes e passei um pente fino em tudo, tudo está no lugar que mais fez sentido na minha cabeça.

No começo da graduação, nunca imaginei que eu faria um trabalho de conclusão de curso tão fluido assim, tão fácil. Não diminuindo meu mérito, escrever é um desafio, mas eu imaginei que fosse surtar mais e odiar o tema no final das contas. Meu plano no começo era cursar tudo bonitinho nos quatro anos, mas deixar esse trabalho para o “quinto ano”, hoje eu encerro ele com ensaios a todo vapor para um espetáculo e arranco os cabelos para planejar aulas no estágio. Mas acredita que tudo isso fez sentido na hora da escrita?

Fico todo arrepiado quando aceito o famoso “você está no lugar e momento certo” pois as coincidências da vida sempre me surpreendem, sempre que eu perco um ônibus e pego o próximo morrendo de raiva, me acalmo pensando “talvez naquele ônibus eu não faria algo tão importante como estou fazendo nesse”.

Mas que chatice toda é essa que eu estou falando? Eu estou no lugar e momento certo da minha vida, o exato ano em que tudo se alinhou para eu escrever esse trabalho. Talvez se eu tivesse feito ele ano passado, não seria nem sobre arte

*drag*. Sem esse trabalho, alguma *drag* novinha talvez nem tivesse criado coragem para se permitir viver as coisas boas que essa arte tem para oferecer. É muito metido da minha parte achar que algum dia esse trabalho vá cair na mão de alguém que precisa muito ler ele?

Acredito que seja essa minha conclusão. A arte *drag* é incrível e eu acho de extrema importância debater ela num ambiente acadêmico que ainda semeia tanto preconceito e ignorância. Com esses anos no curso de dança, percebi que as pessoas diminuem a arte do outro para tentar ascender e se tornar “o maioral” da roda, não faz o menor sentido. Arte é união e entendo como uma expressão de confraternização, trocas e afetos. A própria comunidade LGBTQIAPN+ pode ser bem excludente, mas eu vejo que temos potencial para diminuir isso (acabar é impossível, seria um sonho de uma realidade utópica).

Vejo que passamos pouquíssimo pela performance no curso de dança, não preciso nem dizer quanto tempo passamos explorando a arte *drag*. Então acredito que esse trabalho possa ajudar a debater mais a importância desses assuntos, assim como ele foi de extrema importância para minha formação acadêmica, no sentido de como foi revitalizador transferir minha atenção para um assunto onde antes era um receio e hoje se torna uma paixão.

A intenção é realmente prosseguir daqui com essas pesquisas, aprofundando melhor nos debates de gênero, mas ainda manter o foco em como o “simples” ato de usar seu corpo transformista em prol da arte é de uma importância magnífica para que sempre possamos nos reinventar na performance.

Não é um fim, de uma maneira clichê, vejo uma luz no fim do túnel para uma alma que sempre correu na escuridão em busca de uma saída. Hoje, enxergo que posso construir a saída ou até mesmo iluminar essa escuridão. Como artista, me sinto realizado ao encontrar um lugar onde minha voz é ouvida, meu corpo é visto e meu coração bate forte. Arte *drag* é vida, força e potência. É fogo, água, ar e terra. Performance é criar e recriar, montar e desmontar, assistir tudo se transformar sozinho enquanto escorre pelos vãos dos dedos como areia fina. O poder da performance de uma *Drag Queen* é o de transformar.

Vejo você nas ruas, casas, mentes, nos corpos, espaços e caminhos. Vejo você. Até uma outra vez.

## REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Lucas de Barros Lábaki. A arte drag e suas implicações na identidade do artista. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, São Paulo, 2018.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

COHEN, Renato. Performance como linguagem: criação de um tempo-espaço de experimentação. São Paulo: Perspectiva, 2002.

COLLING, Leandro; ARRUDA, Murilo Souza; NONATO, Murillo Nascimento. Perfechatividades de gênero: a contribuição das fechativas e afeminadas à teoria da performatividade de gênero. *Cadernos Pagu*, nº 57, 2019.

LEAL, Dodi; ROSA, André. Transgeneridades em performance: desobediências de gênero e anticolonialidades das artes cênicas. *Revista Brasileira de Estudos da Presença*, Porto Alegre, v. 10, n. 3, 2020.

MARINELLI, Ricardo. Rastejar como ato terrorista: um corpo desobediente rasgando calçadas do gênero. *Revista Aspás*, [S.l.], v. 10, n. 1, p. 154-175, 2020. DOI: 10.11606/issn.2238-3999.v10i1p154-175.

MARTINS, Elisangela. História da arte transformista/drag e o movimento LGBTQIA+ em Roraima: projeto de investigação. In: ANPUH-BRASIL - 31º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 2021, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: ANPUH-Brasil, 2021.

MARTINS, Yuri Silva. Corpo estranho: atravessamentos grotescos do corpo queer na foperformance. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Dança) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2023.

MEDEIROS, Maria Beatriz de. A arte da performance no vivo e ao vivo. In: PERFORMANCE PRESENTE FUTURO. [S.l.]: [s.n.], 2006. p. 22-27.

MEDEIROS, Maria Beatriz de. Performance artística e espaços de fogo cruzado. [S.l.]: [s.n.], 2006.

MORAES, Rafael; VECCHIA, Leonam Dalla; BERBEREIA, Tatyane Larrubia. Aceita, eu sou gostosa: performance de gênero e ativismos no funk proibidão da drag queen Lia Clark. In: ENCONTRO DE GTs DE PÓS-GRADUAÇÃO - COMUNICON, 7., 2018, São Paulo. São Paulo: [s.n.], 2018.

NASCIMENTO, Ana Reis. Mulher sobre Torno: a gira das representações de gênero. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISA EM ARTE E CULTURA VISUAL, 2., 2018, Goiânia. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2018. p. 415-425.

NASCIMENTO, Ana Reis. Performance.corpo.contexto: experiências performáticas na cidade. [S.l.]: [s.n.], 2011.

NASCIMENTO, Ana Reis. Rachas e rasgos: autoficciografias em abalos sísmicos. 2020. 361 f. Tese (Doutorado em Arte) – Universidade de Brasília, Instituto de Artes, Programa de Pós-graduação em Artes Visuais, Brasília, 2020.

ROMANINI JUNIOR, Moacir. Tentativas de capturar o sensível: a fotoperformance e as artes presenciais. *Conceição/Concept*, Campinas, v. 7, n. 1, p. 92–101, jan./jun. 2018. DOI: 10.20396/conce.v7i1.8648608.

SILVA, Rodrigo Souza. Drag queens, montagens e reinvenções: tecendo outras existências. 2015. Dissertação (Mestrado em Artes, Cultura e Linguagens) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Artes e Design, Juiz de Fora, 2015.

THÜRLER, Djalma; AZVDO, Armando. A arte é divina demais para ser normal: drag queens e políticas de subjetivação na cena transformista. *Revista Crioula*, nº 24, 2º semestre de 2019.